

«NÓS, A FAMÍLIA, A COMUNIDADE E AS ARTES» – INTERSEÇÕES CRIATIVAS A PARTIR DO JARDIM DE INFÂNCIA

Relatório de Projeto

Joana dos Santos Silva Machado

Trabalho realizado sob a orientação de

Lúcia Grave Magueta

Leiria, março de 2017

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Ao estar a chegar ao fim de uma etapa muito importante na minha vida, quero deixar o meu agradecimento a todos aqueles que fizeram parte dela.

Aos meus filhos que me apoiaram desde o início.

Aos meus pais e a minha tia por acreditarem e pelo incentivo que me deram.

Ao Bruno pela sua constante presença.

À minha família e amigos, por todo o apoio e por terem compreendido a minha ausência em determinados momentos.

Ao grupo do oeste, Antonieta Lopes, Norberto Monteiro e Rosalinda Chaves, pela partilha e companheirismo, pelas viagens e pela amizade.

Às crianças que participaram, pelos momentos de partilha, pelos momentos de alegria e pela sua criatividade.

À minha orientadora Professora Doutora Lúcia Grave Magueta pela persistência e acompanhamento deste projeto, pela incansável dedicação.

RESUMO

O presente relatório surge no âmbito da unidade curricular de Projeto, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, e refere-se ao desenvolvimento de um projeto de intervenção que teve como designação «Nós, a família, a comunidade e as Artes» e que foi realizado em contexto de jardim de infância. Este projeto surgiu da necessidade de compreender qual o papel das experiências artísticas vivenciadas pelas crianças na aproximação entre a escola, a família e a comunidade.

O desenvolvimento do projeto estruturou-se em quatro momentos distintos: uma fase inicial, de Diagnóstico; a fase de Planificação, referente à preparação das atividades a desenvolver; a fase de Implementação, referente à concretização das diferentes propostas educativas; e a fase de Avaliação, na qual se avaliou e refletiu sobre o projeto.

Paralelamente ao desenvolvimento do projeto foi realizado também um estudo de investigação, orientado pela questão *Em que medida a vivência de experiências com as linguagens artísticas pode facilitar a relação entre a escola, a família e a comunidade?*. Este estudo, de caráter descritivo, desenvolveu-se numa lógica de investigação-ação, tendo como técnicas de recolha de dados a observação participante e a construção de um diário de bordo, os registos fotográficos e a aplicação de um questionário.

A avaliação do projeto demonstrou que as artes têm um papel muito importante na promoção de práticas que envolvem as crianças, as suas famílias e a comunidade. Verificou-se que se construíram novas formas de interação, tendo as relações entre todos os intervenientes sido intensificadas e aprofundadas. De igual modo, também se verificou que esta aproximação teve reflexos nas aprendizagens das crianças.

Palavras chave

Comunidade, Crianças, Linguagens artísticas, Família, Jardim de Infância

ABSTRACT

This report is part of the Curricular Unit Project of the Master's Degree in Intervention and Artistic Animation, and refers to the development of an intervention project entitled “We, the family, the community and the Arts” held in a kindergarten context.

This project arose from the need to understand the role of the artistic activities experienced by the children in the relationship between the school, the family and the community.

The development of the project was structured in four distinct moments: an initial phase of Diagnosis; the Planning phase, related to the preparation of the activities to be developed; the implementation phase, regarding the implementation of the different educational proposals; and the Evaluation phase, in which we evaluated and reflected on the project.

In parallel to the development of the project, we also conducted a research study, guided by the question: *To what extent can the experiences with the artistic languages facilitate the relationship between the school, the family and the community?* This descriptive study developed according to an action-research framework, used, as data collection techniques, participant observation and the construction of a logbook, photographic records and the use of a questionnaire.

The project evaluation has shown that the arts play a very important role in promoting practices involving children, their families and the community. It was found that new forms of interaction were built, and that relationships between all the participants were intensified and deepened. Likewise, it was also verified that this approach had repercussions on the children's learning.

Keywords

Community, Children, Artistic Languages, Family, Kindergarten

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	iv
Índice Geral	v
Índice de Figuras	vii
Índice de Quadros	ix
Índice de gráficos.....	x
Abreviaturas.....	xi
Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento teórico	3
1. A Educação pré-escolar	3
1.1. A relação entre a família e a escola.....	8
2. As Artes no contexto pré-escolar	10
2.1. As Artes e o desenvolvimento da criança	10
2.2. As Artes como ponto de ligação entre a escola, família e a comunidade	13
Capítulo II - Metodologia	15
1. Problemática / Questão de investigação	15
2. Objetivos de investigação	16
3. A Investigação-ação	17
4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados	18
5. Procedimentos de recolha de dados	22
5.1. A aplicação dos questionários.....	22
5.2. A construção do diário de bordo e a realização de registos Fotográficos	23
5.3. Caracterização do contexto do estudo	23
5.3.1. Caracterização da instituição e do meio onde se insere	23
5.3.2. Caracterização dos Participantes	24
Capítulo III - Apresentação e Desenvolvimento do Projeto	27
1. Fase inicial - Diagnóstico	28
2. Planificação das atividades	29
2.1. Planificação com as famílias e a comunidade	32
3. Implementação.....	34
3.1. Relato das sessões com o grupo	34
3.2. Relato das sessões com as famílias e comunidade	49
4. Avaliação - Apresentação e Análise dos resultados	61
4.1. A avaliação das aprendizagens das crianças	62

4.2. A avaliação do projeto na perspectiva da educadora	62
4.3. A avaliação do projeto na perspectiva dos pais	64
4.4. A avaliação do projeto na perspectiva dos membros da comunidade	72
Conclusões.....	75
Bibliografia.....	79
Anexos	1
Anexo 1	2
Anexo 2	5
Anexo 3	6

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Exploração livre do corpo	34
Figura 2 – Exploração do corpo seguindo indicações.....	34
Figura 3 – Pintura com pastel seco.....	36
Figura 4 – Trabalho final.....	36
Figura 5 – Crianças a pintarem utilizando pastel seco	37
Figura 6 – Trabalho final.....	37
Figura 7 – Crianças a pintarem com lápis de cor sobre cartolina preta	38
Figura 8 – Trabalho final	38
Figura 9 – Trabalho realizado por aluno V	39
Figura 10 - Trabalho realizado por aluno F	39
Figura 11 – As botas pintadas pelas crianças	40
Figura 12 – Ateliês de costura	43
Figura 13 – Museu	45
Figura 14 – Academia de Música	45
Figura 15 – Crianças a tocarem nos instrumentos de cartão	45
Figura 16 – Instrumentos de cartão construídos pelas crianças	45
Figura 17 – Dramatização da Carochinha	48
Figura 18 – Desenho a Carvão e pintura com aguarelas	49
Figura 19 – Trabalho de grupo – Jardim de Girassóis	49

Figura 20 – Sessão n.º 1	50
Figura 21 – Sessão n.º 2	51
Figura 22 – Sessão n.º 3	52
Figura 23 – Sessão n.º 4	53
Figura 24 – Sessão n.º 5	54
Figura 25 – Sessão n.º 7	55
Figura 26 – Sessão n.º 8	56
Figura 27 – Sessão n.º 9	56
Figura 28 – Sessão n.º 11	58
Figura 29 – Sessão n.º 12	59
Figura 30 – Sessão n.º 13	60
Figura 31 – Sessão n.º 14	61

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1- Caracterização do grupo	25
Quadro 2- Planificação anual de atividades, integrando as atividades do projeto «Nós, a família, a comunidade e as Artes»	30
Quadro 3- Objetivos, estratégias e atividades para o envolvimento da família e da comunidade no projeto «Nós, a família, a comunidade e as Artes»	32
Quadro 4 - Planificação de atividades a dinamizar pelas famílias e comunidade no âmbito do projeto «Nós, a família, a comunidade e as Artes»	33
Quadro 5 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 1.	35
Quadro 6 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 2.	35
Quadro 7 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 3 (1º trabalho)....	36
Quadro 8 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 3 (2.º trabalho)...	37
Quadro 9 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 4	37
Quadro 10 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 5	38
Quadro 11 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 6	39
Quadro 12 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 7	40
Quadro 13 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 8	41
Quadro 14 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 9	42
Quadro 15 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 10	43
Quadro 16 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 11	46
Quadro 17 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 12	48
Quadro 18 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 1	50
Quadro 19 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 2	50
Quadro 20 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 3	51
Quadro 21 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 4	52
Quadro 22 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 5	53
Quadro 23 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 6	54
Quadro 24 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 7	55
Quadro 25 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 8	55
Quadro 26 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 9	56
Quadro 27 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 10	57
Quadro 28 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 11.....	57
Quadro 29 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 12	58

Quadro 30 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 13.....	59
Quadro 31 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 14	60
Quadro 32 – Análise das respostas à questão 3.1.....	66
Quadro 33 – Análise das respostas à questão 4.1.....	67
Quadro 34 – Análise das respostas à questão 5.1.....	69
Quadro 35 – Análise das respostas à questão 6.1	71

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Caraterização dos respondentes – Género	64
Gráfico 2 - Caraterização dos respondentes - Habilitações literárias.....	65
Gráfico 3 – Respostas à questão 3	65
Gráfico 4 – Respostas à questão 4	67
Gráfico 5 – Respostas à questão 5	68
Gráfico 6 – Respostas à questão 6	69
Gráfico 7 – Respostas à questão 7	70

ABREVIATURAS

OCEPE – Orientações para a Educação Pré-Escolar

SAF – Serviço de Apoio à Família

INTRODUÇÃO

Este relatório surge no contexto da unidade curricular de Projeto, do Curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, e refere-se ao desenvolvimento de um projeto de intervenção que teve como designação «Nós, a família, a comunidade e as Artes» e que foi realizado no ano letivo de 2015/2016 em contexto de educação pré-escolar.

As crianças foram os «atores» deste projeto, no qual trabalhámos as diferentes expressões artísticas em sala de aula e convidámos as famílias e a comunidade a participar nessas mesmas atividades, trazendo para o processo educativo contributos relacionados com as linguagens artísticas.

Partindo de uma reflexão sobre o modo como se relacionavam a escola, a família e a comunidade no contexto onde trabalhávamos, propusemo-nos realizar um projeto que permitisse perceber qual o contributo que as Expressões Artísticas podiam ter para a ligação e aproximação destes diferentes intervenientes no processo educativo. Gostávamos ainda de perceber qual a importância e contributo destes para a construção de um projeto partilhado e vivenciado em conjunto.

Ao longo do projeto de intervenção delineado e implementado desenvolvemos também um estudo investigativo através do qual, em função da intenção anteriormente referida, procurámos evidências e interpretámos os seus significados. Assim sendo, para este projeto e estudo, procurámos alcançar os seguintes objetivos:

- Planificar e implementar experiências com as linguagens artísticas que envolvam as crianças, as famílias e elementos da comunidade;
- Caracterizar a participação e o envolvimento das crianças e dos membros da família e da comunidade nas atividades;
- Avaliar os efeitos das experiências vivenciadas na melhoria da relação entre a escola, a família e a comunidade;
- Verificar o impacto que a aproximação da família e da comunidade teve nas aprendizagens e desenvolvimento das crianças.

O projeto decorreu com a participação dos pais que, reconhecendo a importância do seu envolvimento na vida escolar dos seus filhos, demonstraram interesse em participar.

Sendo o grupo de crianças constituído por 21 elementos, tivemos a participação de pais, outros membros das famílias das crianças e também membros da comunidade. Esta participação consistia em dinamizar atividades relacionadas com as linguagens artísticas, previamente preparadas e organizadas com o apoio da educadora.

O relatório divide-se em três capítulos que correspondem ao *Enquadramento teórico*, à *Metodologia* e à *Apresentação e desenvolvimento do projeto*.

O *Enquadramento teórico* incide sobre os temas que considerámos necessário aprofundar, sendo estes a educação pré-escolar, a relação entre a família e a escola, as artes no contexto pré-escolar, as artes e o desenvolvimento da criança e as artes como ponto de ligação entre a família e a comunidade.

No capítulo relativo à *Metodologia* explicamos a problemática, a questão e os objetivos de investigação, assim como as nossas opções em termos de técnicas de recolha de dados e procedimentos que orientaram a realização do estudo investigativo. Neste capítulo apresentamos ainda o contexto da realização do estudo, fazendo uma breve caracterização da instituição e dos participantes.

No capítulo relativo à *Apresentação e desenvolvimento do projeto*, descrevemos as suas diferentes fases e apresentamos dados que caracterizaram todo o trabalho desenvolvido pelos diversos intervenientes. Este capítulo inclui ainda sínteses sobre os dados que recolhemos e que nos permitem fazer uma avaliação do projeto.

Nas Conclusões apresentamos o que conseguimos alcançar relativamente aos objetivos inicialmente formulados para o projeto de intervenção e estudo investigativo, a resposta à questão de investigação e uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido ao longo deste percurso.

Nos Anexos, apresentamos alguns elementos que complementam a informação apresentada no corpo do trabalho, nomeadamente, um exemplar do questionário aplicado, o pedido de autorização dirigido à Direção do Agrupamento de Escolas para realização do projeto em sala de aula e o pedido dirigido aos pais para que estes autorizassem os seus filhos a participar no projeto.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

O conceito de educação tem sofrido mudanças ao longo dos tempos, estando esta evolução em conformidade com as realidades socioculturais e económicas de cada momento. O conceito de educação infantil também tem evoluído, acompanhando o desenvolvimento que o conceito de criança tem tido.

No final do século XVIII, enquanto que as mulheres mais ricas mantinham os filhos junto a si, as mulheres mais pobres, principalmente as que viviam nas cidades, continuaram a necessitar de confiar os seus filhos a estranhos enquanto saíam para trabalhar.

Esta situação é acentuada com o início da Revolução Industrial, em consequência da grande mobilização de mão-de-obra feminina que esta implicou. O pensar na guarda das crianças começou então a ser uma necessidade social em relação à qual foi preciso encontrar resposta.

Foram assim criadas as primeiras instituições para as crianças mais pequenas. (Cardona,1997, p.25-26)

As primeiras pré-escolas surgiram por necessidade mas ao longo dos tempos e com o avanço dos estudos da psicologia do desenvolvimento houve uma crescente valorização da sua função educativa.

Foram vários os pedagogos que deixaram a sua marca na educação pré-escolar, tais como, Froebel, Maria Montessori, Decroly, entre outros.

Em Portugal só em 1834 apareceu a primeira escola para crianças, a “Sociedade das casas de Infância desvalida”. Em 1882 foi fundado o primeiro jardim de infância de Froebel e no fim do séc. XIX o poeta e pedagogo João de Deus apresentou o seu método de iniciação à leitura que se revelou um marco muito importante contra o analfabetismo que existia. Como refere Cardona (1997, p.39), “Ainda em 1911, foi inaugurado o primeiro jardim-escola João de Deus, em Coimbra, marcando o início da atividade da Associação João de Deus, cuja acção foi fundamental no desenvolvimento da educação de infância portuguesa”.

A educação de infância foi reintegrada no sistema educativo com a reforma de Veiga Simão em 1973. Após a revolução de 1974 sentiu-se novamente um crescimento de instituições/escolas para a infância. No entanto, estas instituições continuavam a ser

entregues aos particulares, tendo o reconhecimento público da importância da educação de infância sido demorado.

Em 1977 foram criadas as Escolas Superiores de Educação, tendo sido um passo importante na formação de educadoras. Foram também promovidos por todo o país vários cursos de formação para pessoal auxiliar.

Em 1978/79 são criados novos jardins de infância pertencentes à rede oficial do Ministério da Educação, com prioridade em situar estes novos equipamentos em áreas onde existiam poucos ou nenhuns jardins de infância, houve um aumento de 65% de JI's oficiais. (APEI, s.d.)

Foi também no ano de 1977 que se criou legalmente uma rede oficial de educação pré-escolar tutelada pelo Ministério da Educação. Desde então, a rede de jardins de infância ampliou-se, cobrindo quase todo o país e dando resposta às necessidades das famílias e ocupando um lugar muito importante na educação das crianças no primeiros anos.

Em 1986, a Lei de Bases do Sistema Educativo ao estabelecer o quadro geral do sistema educativo, refere que a educação pré-escolar integra a organização deste sistema, designando no Artigo 4.º que «a educação pré-escolar, no seu aspeto formativo, é complementar e ou supletiva da ação educativa da família, com a qual estabelece estreita cooperação» (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro).

Em 1997 surge a Lei Quadro para a Educação Pré-Escolar (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), que consagra o ordenamento jurídico da educação pré-escolar, na sequência da LBSE. No Artigo 10.º apresentam-se os objetivos da educação pré-escolar:

- a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;
- b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;
- c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;
- d) Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;
- e) Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- g) Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e segurança, designadamente no âmbito da saúde individual e colectiva;
- h) Proceder à despistagem de inaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade” (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, Artigo 10.º).

Nesta Lei Quadro apresenta-se também uma definição para a educação pré-escolar, referindo que esta é “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção como ser autónomo, livre e solidário” (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, Artigo 2.º).

Também em 1997 surgiu um novo diploma que procede ao desenvolvimento da Lei Quadro da Educação Pré-Escolar, o Decreto-Lei n.º 147/97, de 11 de junho, que estabelece o ordenamento jurídico do desenvolvimento e expansão da rede nacional de educação pré-escolar e define o respetivo sistema de organização e financiamento.

Também na sequência da Lei Quadro, surge o Despacho n.º 5220/97, que constitui um passo decisivo para a definição de objetivos e linhas de orientação curricular. Neste texto legislativo é referido que «As orientações curriculares constituem-se, assim, como um conjunto de princípios gerais pedagógicos e organizativos para o educador de infância na tomada de decisões sobre a sua prática, isto é, na condução do processo educativo a desenvolver com as crianças». As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar aprovadas com o referido despacho tiveram carácter vinculativo a partir do ano letivo de 1998-1999, tendo ficado prevista a sua revisão para o ano letivo de 2001-2002.

Assim, ficou definido que o desenvolvimento curricular, da responsabilidade do educador, deveria ter em conta os *objetivos gerais* enunciados na Lei Quadro; a *organização do ambiente educativo*, relativa à organização do grupo, do espaço e do tempo, a organização do estabelecimento educativo e a relação com os pais e com outros parceiros educativos; as *áreas de conteúdo* que «constituem as referências gerais a considerar no planeamento e avaliação das situações e oportunidades de aprendizagem»; a continuidade educativa, como «processo que parte do que as crianças já sabem e aprenderam, criando condições para o sucesso nas aprendizagens seguintes»; e a intencionalidade educativa, que «decorre do processo reflexivo de observação, planeamento, acção e avaliação desenvolvido pelo educador, de forma a adequar a sua prática às necessidades das crianças» (Despacho n.º 5220/97, Anexo).

Focando especificamente as áreas de conteúdo é feita a seguinte distinção:

Área de Formação Pessoal e Social, tendo em conta que “O desenvolvimento pessoal e social assenta na constituição de um ambiente relacional securizante, em que cada criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e auto-estima”; que “Favorecer a autonomia da criança e do grupo assenta na aquisição do saber-fazer indispensável à sua independência e necessário a uma maior autonomia, enquanto oportunidade de escolha e responsabilização”; e que “A participação democrática na vida do grupo é um meio fundamental de formação pessoal e social.” (Ministério da Educação/DEB, 1997,p.52).

Área de Expressão e Comunicação, sendo considerados três domínios:

a) Domínio das expressões motora, dramática, plástica e musical, tendo por base que “O domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objectos.” (Ministério da Educação/ DEB, 1997, p. 57).

b) Domínio da linguagem e abordagem à escrita, de onde se destacam as seguintes orientações:

- Criar um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, a maneira como fala e se exprime, constitua um modelo para a interacção e a aprendizagem das crianças.
- Cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como receptores.
- A atitude do educador e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito. Neste sentido, as tentativas de escrita do mesmo que não conseguidas, deverão ser valorizadas e incentivadas.
- Cabe assim ao educador proporcionar o contacto com diversos tipos de texto escrito que levam a criança a compreender a necessidade e as funções da escrita, favorecendo a emergência do código escrito. A forma como o educador utiliza e se relaciona com a escrita é fundamental para incentivar as crianças a interessarem-se e a evoluírem neste domínio. (Ministério da Educação/DEB, 1997, pp. 65-72)

c) Domínio da matemática, de onde se destaca que:

Cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas.

Importa que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções, que as debatam com outra criança, num pequeno

grupo, apoiando a explicitação do porquê da resposta e estando atento a que todas as crianças tenham oportunidade de participar no processo de reflexão. (Ministério da Educação/ ME, 1997, p. 78).

Área de Conhecimento do Mundo, na qual se destaca como orientação que “O educador escolha criteriosamente quais os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as suas potencialidades educativas, a sua articulação com outros saberes e as possibilidades de alargar os interesses do grupo e de cada criança.” (Ministério da Educação/ DEB, 1997, p. 83).

No final do período em que a criança frequenta a educação pré-escolar esta deverá ter desenvolvido atitudes, capacidades e conhecimentos que possa mobilizar adequadamente, demonstrando assim as suas competências ao nível das diferentes áreas.

Também é referido que as diferentes áreas de conteúdo deverão ser consideradas como referências a ter em conta no planeamento e avaliação de experiências e oportunidades educativas e não como compartimentos estanques a serem abordados separadamente. De igual modo, “esta perspectiva, que na educação pré-escolar se costuma designar como globalizante, também se pretende atingir noutros níveis de ensino através da importância dada a conteúdos transversais e à abordagem transdisciplinar do ensino e da aprendizagem.” (Ministério da Educação/ DEB, 1997, pp.48-49).

As diferentes áreas de conteúdo devem ser vistas de forma articulada, uma vez que a construção do saber se processa de forma integrada e que há interligações entre os diferentes conteúdos e aspetos que lhe são comuns. Deverão, por isso, ter uma perspectiva globalizante, considerando-se competências essenciais e transversais.

A educação pré-escolar deverá visar o desenvolvimento global e harmonioso da criança, sendo valorizado o desenvolvimento da capacidade de expressão e criatividade, em paralelo com o desenvolvimento intelectual e social. É igualmente valorizada a sua importância na detecção precoce de deficiências e inaptações das crianças. (Cardona,1997.p.69)

O desenvolvimento do projeto de intervenção a que se refere o presente relatório atendeu a esta preocupação tão sublinhada pelas OCEPE e por autores com trabalhos científicos relevantes na área da educação pré-escolar.

Há que referir que à data em que se desenvolveu este projeto de intervenção estavam em vigor as OCEPE de 1997, tendo sido este documento curricular que orientou a ação educativa. No entanto, em 2016 surgiu um novo documento orientador para o

desenvolvimento curricular na educação pré-escolar – Silva et al. (2016) – representando este uma nova evolução do documento anterior. Assim, o Despacho n.º 9180/2016, de 19 de julho, homologou as orientações para a educação pré-escolar, que passaram a vigorar a partir do ano escolar de 2016-2017.

Para concluir, salienta-se que,

De uma forma lata poderíamos definir a educação pré-escolar como um conjunto de serviços e de ações familiares e extra-familiares de atendimento à criança, desde o nascimento até à entrada na escolaridade obrigatória, tendo em vista a prestação de cuidados de guarda, sociais e educativos.(...) Sabemos que muitos serviços de atendimento à criança instituídos prioritariamente, na sua origem, como resposta social à família, se têm vindo a constituir também como “jardins de infância” ou “escolas infantis”, como preocupações educativas e de instrução. Pensamos, então, que a dicotomia acima apontada – serviços de cuidados de assistência vs. centros educativos – corresponde a outra das ambiguidades da educação pré-escolar, nomeadamente no que se refere ao período compreendido entre os três anos de idade e o ingresso na escolaridade obrigatória. (Homem, 2002.p.23-24)

Para que cada criança possa ter um desenvolvimento individual e social adequado deve ter a possibilidade de partilhar e trocar experiências em momentos de grande valor emocional e afetivo e, para tal acontecer, nada melhor do que as experiências que vivencia no espaço do jardim de infância, pois é um espaço privilegiado de interação social que permite essa partilha e trocas.

1.1. A RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA

A família é definida de diferentes formas por vários autores, João dos Santos define-a como: “O ninho é, talvez, a forma e a imagem privilegiadas que a natureza oferece a uma primeira reflexão sobre a família.” (Santos, 2001. p.19)

Vários são os autores que referem a família como um conjunto de pessoas que têm um grau de parentesco entre si e que vivem na mesma casa, sendo esta estrutura responsável pela formação e aquisição de valores. O papel da família é de extrema importância no desenvolvimento de cada indivíduo, os valores morais e sociais que estes transmitirem serão a base para o processo da socialização da criança.

A importância do papel da família é também sublinhado nas OCEPE, “A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a

educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas.” (Ministério da Educação/ DEB, 1997, p. 43).

Na publicação mais recente das OCEPE a preocupação sobre as relações entre as famílias e o contexto de educação de infância mantém-se. Salienta-se, por exemplo, a ênfase dada ao processo participado de planeamento e avaliação onde se recomenda o envolvimento ativo dos diferentes participantes no processo educativo: as crianças, os pais/ famílias e outros profissionais (Silva, et al., 2016).

Cabe a cada uma das instituições educar, terem funções complementares e em caso algum uma substitui a outra. Tal como Homem (2002, p.36) refere, “Actualmente, mudanças operadas ao nível do sistema educativo e da escola, ao nível da família – estrutura, modo de vida e estratégias educativas – e ao nível cultural – nomeadamente quanto aos conceitos e vivências de cidadania e democracia – conferem uma ênfase acrescida a esta problemática”. De igual modo, este autor indica que:

Na literatura consultada, constatámos a existência de várias abordagens teóricas – expressas sob a forma de argumentos diversos – acerca da pertinência, no plano social e no plano de investigação educacional, da problemática da ligação escola-família. Sabendo que elas se interligam e se confundem muitas vezes nos vários autores, sistematizámo-las da seguinte forma:

Abordagens legais/formais, referenciadas ao que se encontra consignado na legislação, quer numa perspectiva de apresentação e análise crítica dessa legislação, quer fazendo a relação entre esta prática efectiva da ligação/participação;

Abordagens educacionais, fazendo o cruzamento entre a ligação escola-família e a Educação, tomada esta como processo de desenvolvimento global, quer de um indivíduo, quer de um colectivo;

Abordagens pedagógicas, cruzando a ligação escola-família com o(s) acto(s) pedagógico(s), as circunstâncias e os contextos em que se ele(s) ocorre(m) e os resultados por ele(s) atingidos;

Abordagens ético/democráticas, referenciadas a princípios de democracia política e social, nomeadamente de igualdade, equidade e co responsabilidade, e ao princípio geral do respeito pelo indivíduo na sua dimensão total e, simultaneamente, pelo bem comum.(Homem, 2002. p.37 e 38).

São vários os autores que refletem sobre esta problemática, relacionada com o afastamento entre a escola, a família e a comunidade. Silva (2009) afirma que:

A relação escola- família é, amiúde, reduzida à interação de pais e professores, como consta do título de tantas obras. A análise sociológica revela, no entanto, uma pluralidade de actores sociais. Desde logo, para além dos mencionados, a criança, por quem, para quem e com quem ela se realiza. Paralelamente podemos também ter as associações de pais (actor diferente dos pais em si), os auxiliares de acção educativa, as autarquias, os ATL, as organizações locais com uma relação privilegiada com a escola (centros

recreativos e culturais, empresas, bibliotecas, centros de saúde, clubes desportivos...), as mães, os explicadores, as próprias comunidades...Nalguns contextos encontramos toda esta plêiade de actores sociais, noutros apenas alguns deles, sempre com pesos desiguais.” (Silva, 2009, p.19)

Feio (2012) também reflete sobre a questão e, tendo uma opinião no mesmo sentido, sublinha que:

Quais são os problemas com que a educação se depara no panorama atual? A sociedade, os seus valores, as suas estruturas - tudo tem mudado a um passo acelerado e quase alucinante. Dispensando-nos da problemática se é a sociedade que faz a educação ou a educação que faz a sociedade, não nos podemos dispensar de procurar estar à altura de criar, de educar as gerações futuras; de perceber o que não está bem e de dar o nosso contributo para gerar algo melhor. Muitos são então os problemas e os desafios com que nos deparamos. (...) A escola, como reflexo da sociedade, é um lugar progressivamente diverso, complexo e alvo de exigências de toda a ordem. Não podemos negar que o seu papel é cada vez mais avultado e universal. Talvez por isso, a escola seja hoje em dia um lugar de tensão, desânimo, de problemas. Talvez por isso, faça cada vez mais sentido uma proposta eclética que dê ferramentas para fazer face a tanta carência e diversidade, porque em crise há sempre uma promessa de mudança, talvez seja tempo de pensar a Educação Expressiva. (Feio, 2012.p. 27 -28)

A família deve ser chamada a uma reflexão sobre a própria escola para que desta forma se clarifique a sua função e finalidades como parceira de todo o processo educativo. Nos dias de hoje a escola não pode viver sem a família, nem vice versa, são dois sistemas que se complementam e que de forma alguma se podem ignorar, podendo prejudicar-se se tal ligação não existir.

2. AS ARTES NO CONTEXTO PRÉ-ESCOLAR

2.1. AS ARTES E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A arte apresenta um contributo enorme no desenvolvimento da criança, esta desenvolve a criança na sua totalidade desde a intelectualidade até ao domínio afetivo-emocional.

Almeida refere que:

As artes fornecem um dos mais potentes sistemas simbólicos das culturas e auxiliam os alunos a criar formas únicas de pensamento. Em contacto com as artes e ao realizarem atividades artísticas, os alunos aprendem muito mais do que pretendemos, extrapolam o que poderiam aprender no campo específico das artes. E, como o ser humano é um ser cultural, essa é a razão primeira para a presença das artes na educação escolar. (Almeida,2001, p.32)

As preocupações desta autora não são recentes, pois já entre 1789 e 1793 Schiller referia pela primeira vez, a importância de uma educação estética na formação do Homem, nas suas “Cartas sobre educação estética”. Este autor sugere ainda a atividade lúdica como forma de metodologia.

Em 1942, Herbert Read na dissertação da sua tese de doutoramento refere que a arte deve ser a base da educação.

H. Read preocupa-se fundamentalmente com a educação, vendo-a como formação humana integral, cujo processo a arte desempenha um papel primordial, sob todas as suas formas expressivas, para a adequada formação da personalidade, sustentando que esta só se desenvolve equilibradamente num processo de individualização e integração, ou seja, da reconciliação da singularidade individual com a unidade social. (Sousa, 2003.p.24-25)

Em Portugal só em 1950 é que começaram a surgir as primeiras ideias sobre a educação pela arte. Como refere Sousa, “(...) pedagogos como João dos Santos, Calvet de Magalhães, Alice Gomes, Almada Negreiros, Chiró, J.F. Branco, António Pedro, Adriano Gusmão, Cecília Menano e outros, que em 1956 fundaram a Associação Portuguesa de Educação pela Arte.” (Sousa, 2003.p.30)

A arte é vista e sentida de maneiras diferentes por crianças e adultos. Para o adulto está associada ao belo, às exposições, a museus, à estética. Já para a criança, a arte é uma forma de se expressar.

Normalmente, a criança começa a desenhar por volta dos dois anos. Nesse período está aberta a experiências, não tem medo de arriscar, pois o seu corpo é ação e pensamento: ela pode tocar, cheirar, pensar e experimentar com o corpo. Ao expressar-se de forma gráfica faz vários rabiscos, livremente, faz traços horizontais, verticais e inclinados até perceber que pode utilizar a linha curva para construir círculos de tamanhos diferentes. Para a maior parte dos adultos esses rabiscos não possuem significado algum, no entanto, a sua realização deve ser estimulada. A criança deve ser encorajada a garatujar, pois esses traços são o início de sua expressão gráfica e, posteriormente, a levarão até à escrita.

Entre os 4 e os 7 anos a criança já apresenta outras formas de se expressar. Nesta fase, o jogo simbólico faz parte do seu dia a dia e apresenta uma imaginação incrível onde qualquer objeto pode ganhar um outro significado. Em relação ao desenho os seus

rabiscos começam a ter significado, os seus traços começam a ser controlados, e surge a representação da figura humana.

Todas as formas de expressão que a criança utiliza, seja, no desenho, no jogo simbólico, na dança ou na música são um reflexo da sua criatividade e, fundamentalmente, são a forma de expressar os seus sentimentos e as suas perceções sobre o meio que a rodeia.

Importa então perceber de que forma o processo educativo pode contribuir para ampliar estas possibilidades expressivas. A educação através da Arte pode-se concretizar em diferentes vias. A este respeito, Sousa (2003) refere que,

A educação pela Arte proporciona, portanto, todo um vasto leque de vivências simbólicas e emocionais, que contribuem de modo muito especial, não só para o desenvolvimento afectivo-emocional e intelectual da criança, como permitem o colocar em acção toda uma série de mecanismos psicológicos de defesa (catarse, compensação, deslocação, ab-reacção, sublimação, etc.) que robustecem a criança na sua luta contra frustrações e conflitos da vida.

Como bases psicopedagógicas da sua acção, a Educação pela Arte utiliza sobretudo os princípios da espontaneidade, da actividade, do ludismo, da criação e da expressividade, não apenas numa ou noutra, mas em todas as áreas artísticas, globalizadamente: Expressão Musical, Expressão Dramática, Expressão Dançada, Expressão Verbal, Expressão Plástica, Expressão Literária, etc. (Sousa, 2003.p.83)

João dos Santos refere que “A educação através da arte é a que melhor permite a exteriorização das emoções e sentimentos e a sublimação dos instintos. Para esclarecer o seu efeito, poderia dizer-se como em psicoterapia: é melhor fazer que pensar, é melhor falar que fazer, ou, dito de outra forma: é melhor exprimir as emoções do que retê-las e inibi-las.” (Santos, 2009.p.196)

Também Kowalski (2004) nos fala da importância da vivência de experiências com as artes para o desenvolvimento da criança.

“O modo como a criança reage aos produtos que vai criando, liga-se a experiências, selecções e escolhas previamente apre(e)ndidas no contacto e no uso das linguagens artísticas, levando-as a novas escolhas e produtos. Este procurar dizer e dizê-lo de um modo pessoal, único e apazível, será um passo na procura de uma harmonia que ultrapassa essas mesmas actividades de expressão/criação artística, sendo uma forma de apreensão da realidade por dentro, postura essencial ao exercício da sua apropriação.” (Kowalski, 2004, p.52).

Vygotsky fala-nos sobre a importância da criação artística e da imaginação infantil,

Em conclusão, convém realçar a especial importância de promover a criação artística na idade escolar. O homem conquistará o seu futuro com a sua imaginação criadora; orientar

no amanhã, um comportamento baseado no futuro e partindo desse futuro, é a função fundamental da imaginação e, portanto, o princípio educativo do trabalho pedagógico consistirá em dirigir o comportamento do aluno em vista de o preparar para o futuro, uma vez que o desenvolvimento e o exercício da imaginação é uma das principais forças no processo de buscar esse fim. A formação de uma personalidade criadora projetada no amanhã prepara-se através da imaginação criadora encarnada no presente (Vygotsky, 2009, p.110).

O ensinar através das artes, o poder experimentar as artes em sala de aula, potencia o modo como a criança aprende, comunica e interpreta os significados do quotidiano.

2.2. AS ARTES COMO PONTO DE LIGAÇÃO ENTRE A ESCOLA, FAMÍLIA E A COMUNIDADE

A vivência de experiências com as Artes poderá ser um eixo facilitador da relação entre a escola, a família e a comunidade.

Observa-se que, frequentemente, a instituição escola não aproveita a seu favor os recursos existentes no meio em que se insere, podendo significar este facto um afastamento da escola com a restante comunidade. Muitas vezes existe na comunidade uma banda, um grupo de teatro, um museu, um rancho folclórico, etc. que poderiam ser parceiros para o desenvolvimento de projetos em conjunto, vivenciando as expressões artísticas ao mesmo tempo que se utilizariam os recursos culturais da zona de onde as crianças pertencem. Este trabalho conjunto poderia enriquecer bastante o quotidiano de uma sala de jardim de infância e contribuir para uma plena inserção no seio da cultura da comunidade. Esta nossa posição vai ao encontro do contributo de Silva (2009), quando afirma que

A finalidade da escola não deve nunca ser esquecida: a aprendizagem das crianças. E esta aprendizagem não é apenas cognitiva. É também a da solidariedade, da responsabilidade, do sentido crítico, da criatividade, dos laços afectivos. E todo este compósito de aprendizagem só é possível se a criança for proporcionado espaço de intervenção, naturalmente de acordo com as características da sua faixa etária. Só é possível se a sua cultura for respeitada, assumindo-a como ponto de partida, mesmo que o ponto de chegada seja outro (o da cultura socialmente dominante, a fim de evitar a exclusão social) e não se faça à custa da perda das raízes culturais (podendo conduzir a uma situação de bilinguismo cultural). (Silva, 2009, p.37)

Também Ferraz et al. (2012, p.17) referem que as metodologias expressivas baseadas no teatro, na dança, na música e na pintura, provocam mudanças não só nas dinâmicas

individuais, como também nas dinâmicas interpessoais e socioculturais dando na “maioria das vezes ritmo e melodia às grandes danças históricas dos ir e vir sociais”.

Já em relação à expressão dramática, Vygotsky (2009) refere que

A par da expressão verbal, o drama ou representação teatral constitui o aspecto mais frequente e extenso da criação artística infantil. E compreende-se que agrade às crianças, o que se explica por dois aspectos fundamentais: em primeiro lugar, porque o drama, baseado na acção, em factos que são obras das próprias crianças, liga do modo mais próximo, eficaz e direto a criação artística e as experiências vividas pessoais (p.87).

Marques (1997, p.27) questiona: “Embora saibamos que a existência de continuidades entre a escola e a família facilita o aproveitamento escolar, por que é que os bons programas de envolvimento dos pais são tão raros e tão difíceis de durar?”

Refere ainda que “A chave do envolvimento dos pais reside numa boa comunicação. As regras devem ser claras: não se pede aos pais que se tornem professores nem aos professores que assumam o papel de pais. Uns e outros têm papéis específicos, mas o desempenho desses papéis é absolutamente necessário pra a construção de um programa educativo escolar de qualidade.” (p.39)

Silva (1997, p.66) menciona que “Estreitar a relação entre a escola e as famílias é uma tentativa de aproximar os diferentes capitais culturais (...) De facto, vários estudos têm demonstrado existir uma correlação positiva entre o desenvolvimento dos pais na educação escolar dos seus filhos e o rendimento académico destes. As razões podem ser várias. Eis algumas: incentivo e ajuda aos filhos; os pais sentem-se implicados no processo; a participação dos pais aumenta a expectativa dos professores.”

Para Nunes (2004), a nível de envolvimento menos institucional, a presença das famílias na escola acontece com regularidade e a finalidade pode ser a visita a exposições, a participação em atividades de início do ano letivo, a participação em demonstrações dos filhos ao nível da música, do teatro, de trabalhos realizados, entre outras razões. Este autor refere ainda que “Escola e Família, com papéis complementares no processo educativo, são contextos de desenvolvimento da pessoa. Do encontro dinâmico destas duas realidades formativas surgirão pontes e canais de comunicação numa perspectiva holística da educação.” (p.69)

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

1.1 PROBLEMÁTICA / QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO

Nos dias de hoje e cada vez mais, os pais têm uma vida stressante, sempre com horários a cumprir e sempre a correr. Muitas vezes as escolas, principalmente os jardins de infância, são vistos como “depósitos” de crianças não tendo alguns pais e a comunidade noção do trabalho que é desenvolvido numa sala. Em nosso entender, cabe à escola tentar fazer esta aproximação.

Esta realidade foi percebida e vivida pela investigadora diariamente, no seu contexto de trabalho, durante muito tempo da sua prática pedagógica. Os pais só vinham à escola para as reuniões de fim de período, não eram participativos, tinham “medo” de entrar na sala de aula, muitas vezes não sabiam o que é que os seus filhos faziam na escola.

Também em experiências anteriores, noutras realidades e contextos, construímos a percepção de que quando começávamos a envolver as crianças em projetos e experiências artísticas, geralmente, conseguíamos cativar a atenção dos pais. Num momento em que iniciávamos um novo ano letivo, numa nova escola, e tendo sentido desde logo a mesma situação de afastamento das famílias, pensámos em estudar e tentar compreender se o envolvimento das crianças em projetos artísticos poderia contribuir para a aproximação das famílias e da comunidade através da construção e envolvimento conjuntos nos mesmos.

Tendo por base esta intenção delineámos um projeto de intervenção, com enfoque no uso criativo das linguagens artísticas, que colocou em interação a escola, a família e a comunidade. Paralelamente, com um olhar investigativo, estudámos as ações desenvolvidas nos diferentes momentos, os resultados obtidos e o impacto que os mesmos tiveram na relação entre todos os intervenientes.

Na sequência da problemática que apresentámos anteriormente, formulámos a seguinte questão de investigação *Em que medida a vivência de experiências com as linguagens artísticas pode facilitar a relação entre a escola, a família e a comunidade?*

2. OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO

Para dar uma resposta rigorosa à questão de investigação, é necessário delinear objetivos, pois estes definem claramente as metas a alcançar (Carmo e Ferreira, 2008). Os objetivos trazem precisão e orientação à investigação e, no caso do projeto de intervenção e do estudo de investigação realizados, permitiram também especificar dimensões do processo de investigação-ação – o diagnóstico, a planificação, a implementação e a avaliação.

Assim sendo, a investigação realizada teve como objetivo geral,

- Compreender qual o contributo das experiências com as linguagens artísticas na promoção da relação entre a escola, a família e a comunidade.

e como objetivos específicos:

- Planificar e implementar experiências com as linguagens artísticas que envolvam as crianças, as famílias e elementos da comunidade;
- Caracterizar a participação e o envolvimento das crianças e dos membros da família e da comunidade nas atividades;
- Avaliar os efeitos das experiências vivenciadas na melhoria da relação entre a escola, a família e a comunidade;
- Verificar o impacto que a aproximação da família e da comunidade teve nas aprendizagens e desenvolvimento das crianças.

Consideramos que estes objetivos se articulam com o problema identificado, procurando encontrar resposta para o mesmo através da concretização do projeto de intervenção. Com este projeto pretendemos compreender o papel das artes – expressões artísticas na aproximação nos diferentes grupos comunitários à escola e na promoção de atividades artísticas em conjunto. Pretendemos compreender também de que forma contribuiu para os objetivos da Educação Pré-Escolar, aferindo sobre o impacto desta aproximação na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças.

3. A INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

Depois de algumas leituras em obras de referência, nomeadamente “Investigação Qualitativa em Educação” (Bogdan e Biklen, 1994), “Manual de Investigação em Ciências Sociais” (Quivy e Campenhoudt, 1995), entre outros, optámos por enquadrar o nosso estudo investigativo, numa abordagem qualitativa, seguindo uma lógica de investigação-ação.

De acordo com Bento (2012, pp.40-43), uma investigação qualitativa foca um modelo fenomenológico no qual a realidade é enraizada nas perceções dos sujeitos e em que o objetivo é compreender e encontrar significados através de narrativas verbais e de observações, e não através de números. Para este autor, a investigação qualitativa normalmente ocorre em situações naturais em contraste com a investigação quantitativa que exige controlo e manipulação de comportamentos e lugares.

Carmo e Ferreira (1998) indicam como características da investigação qualitativa, ser indutiva, holística e naturalista, sendo os investigadores sensíveis ao contexto e atribuindo ao “significado” uma grande importância. Estes autores focam também que os métodos qualitativos são “humanísticos” e que os investigadores se interessam mais pelo processo de investigação do que unicamente pelos resultados ou produtos que dela decorrem. Sublinham ainda que este tipo de investigação tem carácter descritivo, o “plano” é flexível e que o investigador é o “instrumento” de recolha de dados.

Tal como referimos, o projeto de intervenção e o estudo investigativo desenvolveram-se em justaposição, seguindo processos de investigação-ação.

Em qualquer contexto de intervenção, qualquer acção que se pretenda de base científica inclui necessariamente uma dinâmica de investigação- acção, na medida em que apenas este tipo de processo, ao insistir nos processos de conhecimento do “sistema de acção concreto”, impede a rotinização e a repetição de “receitas” de acção “importadas” de outros contextos. As metodologias de investigação - acção permitem, em simultâneo, a produção de conhecimentos sobre a realidade, a inovação no sentido da singularidade de cada caso, a produção de mudanças sociais e, ainda, a formação de competências intervenientes. (Carvalho, 2002. p.52)

Bogdan e Biklen (1994, p.292) referem também que “A investigação-acção consiste na recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais” e que:

A investigação-acção é um tipo de investigação aplicada no qual o investigador se envolve activamente na causa da investigação. Tanto os métodos qualitativos como os quantitativos podem ser utilizados na investigação-acção. Os métodos qualitativos baseiam-se na observação, na entrevista aberta e no recurso a documentos. (Bogdan e Biklen, 1994, p.293)

Para Pérez Serrano (2004), a metodologia de investigação-ação persegue como objetivo a reflexão sobre a ação e, a partir da mesma, orienta-se para a construção de conhecimento e para conseguir uma mudança social através da intervenção. Para esta autora, “é uma tentativa de resolução de problemas que se apresentam nas práticas” e, por outras palavras, “a sua finalidade consiste na ação transformadora da realidade” (p.111).

As fases para levar a cabo um processo de investigação-ação, segundo Pérez Serrano (2004), são as seguintes: 1) Diagnosticar ou descobrir um problema; 2) Construir um plano de ação; 3) Concretizar o plano na prática e observar a maneira como funciona; e 4) Refletir, interpretar e integrar os resultados e replanificar.

Considerámos que estes princípios se ajustavam ao projeto de intervenção e ao estudo investigativo a realizar numa dupla perspectiva: por um lado, a investigadora era também a interveniente nas práticas, sendo o seu próprio trabalho o foco da investigação; por outro lado, as soluções encontradas para o problema identificado iriam ter reflexos na sua própria prática, produzindo a mudança.

4. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Após a definição dos objetivos da investigação importa selecionar técnicas e instrumentos de recolha de dados que se adequem aos mesmos e que permitam uma análise e resultados voltados para o alcance de respostas à questão de investigação. Sendo assim, a estratégia de recolha de dados delineada para o estudo investigativo consistiu em utilizar em momentos distintos ao longo da intervenção as técnicas:

- Observação participante – observação de todas as situações que caracterizaram o desenvolvimento do projeto de intervenção;

- Construção de um diário de bordo – registos sequenciados das observações realizadas no contexto do desenvolvimento do projeto;
- Aplicação de questionários – recolha de dados junto dos pais e encarregados de educação;
- Registos fotográficos – registos de situações e produtos resultantes do projeto.

Observação participante

Para o projeto que desenvolvemos a observação é uma técnica pertinente, pois permitiu-nos fazer registos e/ou tirar notas de situações relevantes para o estudo.

Carmo e Ferreira (1999, p.97) referem que “observar é seleccionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão.”

Bogdan e Biklen (1994, p.90) expõem que, “Neste tipo de estudos, a melhor técnica de recolha de dados consiste na observação participante e o foco do estudo centra-se numa organização particular (escola, centro de reabilitação) ou nalgum aspecto particular dessa organização”. Para estes autores, a observação participante é adequada ao estudo dos seguintes contextos: um local específico dentro da organização (a sala de aulas, a sala de professores, o refeitório); um grupo específico de pessoas (como por exemplo, os membros da equipa de basquetebol do liceu ou os professores de um determinado departamento académico); qualquer atividade da escola, dando como exemplos, o “planeamento do currículo” ou mesmo o “namoro”.

Por estas razões, vimos que a observação participante se ajustava ao nosso projeto de intervenção e estudo investigativo, sendo o investigador o principal instrumento de pesquisa, pois está em contacto direto com o grupo e a realidade observada.

Da observação realizada resultaram registos e a construção do diário de bordo.

Diário de bordo

O projeto de intervenção desenvolveu-se em sala de aula e, como já foi referido, usámos a técnica de observação e fizeram-se registos dessas observações. Sendo assim, foi utilizado um diário onde a educadora fazia todos os seus registos.

“Trata-se, como o nome indica, de um autêntico diário de bordo, em que o investigador vai assentando por ordem cronológica os vários procedimentos da sua investigação, os resultados das observações efectuadas, os acontecimentos relevantes, etc.”(Carmo e Ferreira, 1998. p. 104)

Também a respeito do diário de bordo, Bogdan e Biklen (1994, pp.150-151), dizem que “As notas de campo podem originar em cada estudo um diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afectado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados”.

A plicação de questionários

Como era nossa intenção recolher dados junto de todos os pais e encarregados de educação, optámos por aplicar inquéritos por questionário, pois considerámos que esta técnica se ajustava ao tipo de informação a recolher e ao número de inquiridos a envolver.

Como afirmam Carmo e Ferreira (1998,p.137), o inquérito por questionário distingue-se do inquérito por entrevista essencialmente pelo facto de investigador e inquiridos não interagirem em situação presencial. Estes autores referem também que, de um modo geral, a tecnologia do inquérito por questionário é bastante fiável desde que se respeitem escrupulosamente os procedimentos metodológicos quanto à sua conceção, seleção dos inquiridos e administração no terreno.

Segundo Quivy (1995, p.188) “O inquérito por questionário de perspectiva sociológica distingue-se da simples sondagem de opinião pelo facto de visar a verificação de hipóteses teóricas e a análise das correlações que essas hipóteses sugerem. Por isso, estes inquéritos são geralmente muito mais elaborados e consistentes do que as sondagens”.

Desta forma foram aplicados questionários a todos os pais/encarregados de educação das crianças participantes, tendo estes sido enviados dentro de envelopes para casa. Previamente, os inquiridos foram informados sobre a importância de participarem na

recolha de dados e do contexto em que esta se iria efetuar. De igual modo, também foi garantido o anonimato e confidencialidade das suas respostas e participação.

A aplicação do questionário teve como objetivo recolher informação sobre a perceção que os pais têm acerca da importância da educação artística na formação dos seus educandos e decorreu na fase final do projeto de intervenção, sendo um contributo para a fase de avaliação.

Focando especificamente o instrumento construído, foram consideradas algumas indicações de Carmo e Ferreira (1998):

Antes de mais, o sistema de perguntas deve ser extremamente bem organizado, de modo a ter uma coerência intrínseca e configurar-se de forma lógica para quem ele responde. Deve ser organizado por temáticas claramente enunciadas, reservando-se as questões mais difíceis ou mais melindrosas para a parte final pelas razões atrás apontadas. Habitualmente um questionário integra vários tipos de perguntas:

- Perguntas de identificação
- Perguntas de informação
- Perguntas de descanso
- Perguntas de controlo (Carmo e Ferreira, 1998. p. 138)

Assim sendo, foi construído um questionário com perguntas direcionadas ao nosso objetivo, sendo este constituído por questões fechadas e questões abertas. Tivemos o cuidado em formular as perguntas de forma clara e compreensível para os respondentes, procurando abranger todos os pontos a questionar, tendo sobretudo «perguntas de identificação» e «perguntas de informação» (ver Anexo 1).

As respostas às questões fechadas foram tratadas estatisticamente e as respostas às questões abertas foram tratadas através da análise de conteúdo.

Registos fotográficos

A fotografia foi utilizada para recolher dados da ação direta das crianças no desenvolvimento das sessões.

“A fotografia está intimamente ligada à investigação qualitativa (.....) As fotografias dão-nos fortes dados descritivos, são muitas vezes utilizadas para compreender o subjetivo e são frequentemente analisadas indutivamente.” (Bogdan & Biklen, 1994.p.183).

A máquina fotográfica foi utilizada pela própria investigadora, na concretização destes registos. Houve o cuidado de fotografar de forma a não identificar nenhuma criança, protegendo assim a sua imagem. Deste modo, todas as fotografias que constam do presente relatório de projeto não têm nenhuma criança exposta. Embora os pais tenham autorizado a sua utilização neste contexto, optámos por manter reservada e anónima a identificação das crianças que participaram neste projeto.

5. PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

5.1. A APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.

Na fase inicial do projeto a turma era constituída por vinte e uma crianças. Porém, ao longo do mesmo, houve algumas alterações à constituição do grupo: saíram duas crianças e entrou uma nova. Assim sendo, na maior parte do ano letivo o grupo teve um total de 20 crianças.

Especificando o modo como decorreu a aplicação do questionário, estes foram enviados para casa, dentro de um envelope, um por cada criança. Alguns pais entregaram o questionário preenchido logo no dia seguinte ou nessa mesma semana. No entanto, tivemos que lembrar alguns pais para devolverem os questionários e, dos vinte inicialmente distribuídos, só nos entregaram dezassete.

Pensamos que foi a melhor forma de recolher os dados necessários, pois a opção por outra técnica, como a entrevista a todos os pais, iria tornar o processo moroso, devido à dificuldade em arranjar horários compatíveis com todos. No entanto, ao optarmos pela aplicação de um questionário, confrontámo-nos também com as desvantagens do uso desta técnica: os inquiridos não estarem habituados a responder a este tipo de questionários e, por isso, terem dificuldade em comunicar as suas ideias por escrito, e também, a ausência de participações, pois alguns optariam por não responder. No entanto, conseguimos a participação dos pais e obtivemos um conjunto significativo de questionários preenchidos ao fim de duas semanas e meia.

5.2. A CONSTRUÇÃO DO DIÁRIO DE BORDO E A REALIZAÇÃO DE REGISTOS FOTOGRÁFICOS

Nem sempre foi fácil fazermos os registos no diário de bordo e/ou fazer os registos fotográficos. A principal dificuldade prendeu-se com a simultaneidade de cumprir dois papéis – o de investigadora e o de educadora - era a educadora que orientava a atividade ao mesmo tempo ia fazendo os registos. Nas atividades que foram dinamizadas pelos pais sentiu-se a mesma dificuldade, pela necessidade de a educadora dar apoio aos pais, manter o grupo organizado e fazer os registos. Não diríamos que tenha sido por falta de prática porque, fazer este tipo de registos fotográficos e registar o que as crianças dizem depois de realizarem uma atividade, já são ações que caracterizam a forma de trabalhar da educadora.

No entanto, podemos referir que o diário de bordo se constituiu com registos feitos durante a observação das atividades e após as mesmas. Na globalidade, foram realizadas doze sessões de atividades relacionadas com as expressões artísticas em contexto de sala de aula e foram feitas catorze sessões com os pais e outros membros da comunidade. Destas vinte e seis conseguimos ter registos de 26 sessões e 31 registos fotográficos.

5.3. CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO DO ESTUDO

5.3.1. CARATERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E DO MEIO ONDE SE INSERE

A sala de jardim de infância onde o projeto foi realizado, fica inserida numa escola EB1/JI, existindo duas salas de jardim de infância e três salas de 1.º Ciclo do Ensino Básico a funcionar neste espaço. Os recreios são separados, no entanto, o refeitório, a biblioteca e a sala de educação física são comuns. Esta escola situa-se numa aldeia pertencente a uma freguesia do concelho da Lourinhã.

Esta freguesia caracteriza-se pela existência de áreas florestais abundantes. As principais atividades económicas são a agricultura, algum comércio tradicional, a construção civil e os serviços.

No âmbito educacional a maioria da população adulta da freguesia situa-se, em termos de habilitações literárias, entre o 4.º e o 9.º ano do Ensino Básico. Ainda existe população sem qualquer alfabetização.

Neste meio, é notória a falta de interesse pela escola sobretudo por parte dos jovens, pois são muito poucos os que prosseguem estudos para além da escolaridade

obrigatória.

A situação socioeconómica da população enquadra-se, na globalidade, na classe média baixa e existem muitos casos de graves carências de ordem social e económica.

Quanto à inserção/exclusão social, existem problemas graves nesta freguesia, ligados a atitudes pouco assertivas no ambiente familiar. A disfunção familiar é notória repercutindo-se na acentuada ausência de sucesso escolar e ainda, nos valores pouco positivos que, em grande parte, transparecem sobretudo nas crianças em idade escolar. Esta foi uma perceção que construímos pelo contacto com a população e com outros profissionais que contactam com a mesma. De igual modo, também tudo o que é possível pesquisar sobre o meio – jornais, boletins informativos, estatísticas, etc. – nos permitiram fazer esta leitura sobre este contexto.

No que se refere a contextos para a realização de atividades recreativas, culturais e desportivas, existe a “Associação de Jovens”, a “Associação de melhoramentos e Primeiros Socorros”, a “Associação Lírica” (sendo esta uma referência, pois foi fundada em 1923) e o “Sporting Clube”, associação que promove o desporto. No que respeita a instituições com valências sociais e de saúde, existe um “Lar e Centro de Dia de Idosos com apoio domiciliário”, uma Creche, um “Posto Médico”. Existe ainda um posto de “Correios”. Salientamos ainda que existia uma outra associação recreativa que era uma referência para a localidade e que encerrou no ano de 2014.

É uma localidade de cunho religioso bastante acentuado, tendo a poucos quilómetros, no lugar da Misericórdia, um santuário onde se ergue uma capela quinhentista que tem sido alvo de restauros. Historicamente, consta na freguesia que a mãe de D. Pedro Nuno Álvares Pereira residiu nesse lugar.

5.3.2. CARATERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

A turma do jardim de infância era constituída por 21 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, das quais 13 transitaram do ano letivo anterior e 8 frequentaram a escola pela primeira vez.

São todas de nacionalidade portuguesa e na sua grande maioria vivem na aldeia, a pouca distância da escola, havendo também algumas crianças que vivem noutros lugares da freguesia.

Em termos socioeconómicos, podemos situar os agregados familiares dos alunos num

nível médio/baixo, se considerarmos as situações profissionais dos pais. Há famílias que beneficiam de apoios sociais, como o rendimento social de inserção e alguns pais em situação de desemprego. As habilitações académicas dos pais, vão desde o 1.º Ciclo do Ensino Básico até aos cursos médios e superiores em áreas diversificadas, o que origina profissões muito variadas (ver Quadro 1).

Não existem neste grupo crianças sinalizadas com necessidades educativas especiais, no entanto, existe o caso de uma criança com problemas a nível comportamental e que está a ser acompanhada por um psicólogo.

É um grupo heterogéneo em termos de aprendizagem, que apresenta algumas diferenças de desenvolvimento relacionadas também com as diferenças etárias.

Quadro 1- Caraterização do grupo

Nº	Nome	Idade	Anos de freq. JI	Idades		Profissão / Habilitações literárias	
				Pai	Mãe	Pai	Mãe
1	Aluno A	5	3º	31	31	Desempregado (4º ano)	Desempregada (6º ano)
2	Aluno B	5	3º	42	43	Montador máquinas mecânica (9ºano)	Motorista (12º ano)
3	Aluno C	5	3º	43	33	Desempregado (9º ano)	Desconhecida (12º ano)
4	Aluno D	5	3º	38	36	Vendedor (12º ano)	Professora 1º CEB Licenciatura
5	Aluno E	4	2º		22	Agricultor (6º ano)	Agricultura (7º ano)
6	Aluno F	4	2º		40	Engenheiro Agrónomo (Licenciatura)	Educadora de Infância (Licenciatura)
7	Aluno G	4	2º	38	35	Engenheiro (Licenciatura)	Terapeuta da fala (Licenciatura)
8	Aluno H	4	2º	39	39	Pedreiro (6º ano)	Professora 1º CEB Licenciatura
9	Aluno I	4	2º	35	33	Desconhecida (9º ano)	Desconhecida (9º ano)
10	Aluno J	4	2º		35	Técnico eletrónica (Licenciatura)	Enfermeira (Licenciatura)
11	Aluno L	4	2º	42	39	Desempregado (4º ano)	Desconhecida (12º ano)
12	Aluno M	4	1º			Desconhecida	Desconhecida (6º ano)
13	Aluno N	4	2º	40	37	Empr. escritório (12º ano)	Administrativa (12º ano)
14	Aluno O	4	2º	25	25	Pedreiro	Desconhecida

						(9º ano)	(9º ano)
15	Aluno P	3	1º	33	35	Carregador mercadorias (12º ano)	Embaladora (12º ano)
16	Aluno Q	3	1º	38	37	Rececionista (12º ano)	Diretora de loja (Licenciatura)
17	Aluno R	3	1º	30	29		Auxiliar no lar (9º ano)
18	Aluno S	3	1º		41	Desconhecida	Emp. Limpeza (9º ano)
19	Aluno T	3	1º	42	32	Operador máquinas (6º ano)	Doméstica (9º ano)
20	Aluno U	3	1º	41	38	Sargento da Marinha (6º ano)	Cabeleireira (9º ano)
21	Aluno V	3	1º	34	37	(9º ano)	Professor 2º e 3º CEB (Licenciatura)
22	Aluno x	5	3º	30	27	Pescador (9º ano)	Operadora de caixa (12º ano)

Como podemos observar no quadro, é um grupo bastante heterógeneo tanto no que se refere às idades das crianças e dos pais, assim como, às suas profissões e habilitações literárias.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto desenvolveu-se em quatro momentos distintos: uma fase inicial, de *Diagnóstico*; uma fase de *Planificação*; uma fase de *Implementação* e, por fim, uma fase de *Avaliação*, conforme é sugerido por Pérez Serrano (2004).

O desenvolvimento do projeto foi permeado pelo desenvolvimento do estudo investigativo. Assim sendo, cada etapa inclui componentes do projeto de intervenção e do estudo realizado.

Na fase inicial de *Diagnóstico* englobámos,

- o reconhecimento da comunidade e da escola (alunos, pais, etc.);
- o levantamento das atividades culturais e dos recursos e equipamentos culturais locais;
- a caracterização pormenorizada do contexto e dos seus intervenientes;
- a caracterização da relação escola-família-comunidade;
- a reunião de pais para propor o projeto e sugerir que viessem à escola dinamizar uma atividade relacionada com as artes.

A informação relativa a estes pontos encontra-se apresentada tanto no *Capítulo II – Metodologia*, como no presente capítulo, no ponto *1. Fase inicial – Diagnóstico*.

A fase de *Planificação* abrangeu:

- a planificação das atividades a serem desenvolvidas em sala com as crianças, com as famílias e com os elementos da comunidade;
- a preparação de todas as componentes necessárias à realização das atividades – preparação de recursos; comunicação os intervenientes em diferentes momentos para o agendamento das atividades; preparação dos espaços; entre outros aspetos.

A fase de *Implementação* incluiu:

- a realização de atividades com os alunos, abordando as linguagens artísticas, e enquadrando as experiências na planificação global estruturada ao nível do Agrupamento de Escolas a que pertencia o jardim de infância;
- a realização de atividades no âmbito das expressões artísticas dinamizadas pelos pais;

- a realização de atividades no âmbito das expressões artísticas dinamizadas por membros da comunidade;
- a recolha de dados através da observação participante e de registos fotográficos e a construção do diário de bordo;
- a revisão da planificação em função do desenvolvimento do projeto, concretizando o conceito de investigação-ação.

Na fase de *Avaliação* considerámos,

- a recolha de dados efetuada através da aplicação de um questionário aos pais/ encarregados de educação;
- o tratamento dos dados recolhidos e a interpretação e integração de resultados;
- a reflexão sobre o percurso efetuado, na ótica da educadora e da investigadora.

De acordo com esta estrutura, incluímos no presente capítulo o que se refere às diferentes fases, apresentando os elementos caracterizadores que permitem compreender o processo vivenciado.

1. FASE INICIAL - DIAGNÓSTICO

Tendo em conta o que referimos no *Capítulo II – Metodologia, ponto 1.1*, relativamente ao problema que identificámos no contexto do jardim de infância onde intervínhamos profissionalmente, delineámos um projeto, partindo da realidade encontrada. Nesta, tal como descrevemos, existia uma frágil relação entre a família, a escola e a comunidade e a ausência de ações comuns em prol da aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Vimos então nesta situação, a necessidade de pôr em prática um projeto de intervenção que trouxesse novas dinâmicas a estes três pilares do processo educativo – a escola, a família e a comunidade. Para tal, perspetivámos que este projeto se desenvolveria em torno das expressões artísticas, reconhecendo o seu potencial enquanto meio facilitador das relações interpessoais. Assim sendo, colocámos então em prática várias ações que permitiriam o desenvolvimento do projeto que, em colaboração com as crianças, designámos por «Nós, a família, a comunidade e as Artes».

Primeiramente, foi escrita uma carta a dar conhecimento ao Agrupamento de Escolas da Lourinhã referindo que a educadora e investigadora estava a frequentar o curso de

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, no Instituto Politécnico de Leiria, e pedindo autorização para desenvolver o seu projeto de intervenção em sala de aula, apresentando igualmente os seus objetivos.

Após o aval para desenvolver o projeto no jardim de infância onde a educadora exercia funções, foi realizada uma reunião com os pais/encarregados de educação, para lhes dar conhecimento e propor o projeto de intervenção a empreender. Assim, nesta reunião foram apresentadas linhas gerais do projeto e do modo como este poderia ser desenvolvido e foi pedida a autorização para que as crianças participassem e fossem fotografadas, sendo garantido que as imagens recolhidas apenas seriam utilizadas no contexto da realização do projeto e do estudo investigativo inerente ao mesmo.

Foram ainda pedidas a sua colaboração e participação, dando ênfase à importância da relação entre a família e a escola. Neste sentido, em conjunto, foi decidido que a intervenção dos pais consistiria na participação na dinamização de atividades na sala de aula, enquadradas na área de conteúdo de Expressão e Comunicação, domínios das expressões artísticas.

As sessões foram realizadas entre os meses de novembro e abril do ano letivo de 2015/2016.

Os Anexos apresentam os documentos organizadores que foram utilizados nesta fase inicial:

- Pedido de autorização para a realização do projeto em sala de aula dirigido à Direção do Agrupamento de Escolas (Anexo 2);
- Pedido de autorização dirigido aos pais para que os seus filhos participassem no projeto (Anexo 3).

2. PLANIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES

No início do ano letivo, é necessário conceber o projeto «de sala» e a correspondente planificação anual das atividades a desenvolver, tendo em conta a caracterização do grupo de crianças e o projeto educativo do Agrupamento de Escolas em que estamos inseridos. Assim sendo, o projeto de intervenção «Nós, a família, a comunidade e as Artes» integrou-se nestes documentos organizadores do processo educativo.

O grupo de educadoras do Agrupamento de Escolas segue as mesmas planificações e este facto limitou-nos um pouco. Tendo em conta este aspeto, foi necessário fazer uma adequação entre as atividades enquadradas no projeto de intervenção e as atividades

globalmente planificadas em grupo.

Apresentamos no Quadro 2 a planificação das atividades, tendo em conta os temas definidos pelo Departamento da Educação Pré-escolar do Agrupamento e as diferentes expressões artísticas a serem exploradas em sala de aula no âmbito do projeto de intervenção «Nós, a família, a comunidade e as Artes». Esta planificação é referente às atividades da educadora com as crianças, tendo estas constituído um total de 12 sessões.

Quadro 2 - Planificação anual de atividades, integrando as atividades do projeto «Nós, a família, a comunidade e as Artes»

Data/ Sessão	Área de Expressão e Comunicação (OCEPE de 1997)	Atividades
NOVEMBRO Sessão n.º 1	Domínio da Expressão Motora (Aula de movimento)	« Com o meu corpo eu posso... » As crianças respondem à questão: O que posso fazer com o meu corpo? À medida que vão respondendo, indicam partes do corpo e seguem as indicações da educadora movimentando-se e realizando algumas ações.
NOVEMBRO Sessão n.º 2	Domínio da Expressão Plástica	« Eu sou assim » As crianças posicionam-se perante o espelho e representam o seu autorretrato, através do desenho a carvão.
NOVEMBRO Sessão n.º 3 e n.º 4	Domínio da Expressão Plástica	« Os círculos de Kandinsky » <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o artista plástico: Kandinsky • Trabalhar as obras: <i>Concentric Rings e Several Circles</i> • Desenhar círculos numa cartolina preta utilizando lápis de cor
DEZEMBRO Sessão n.º 5	Domínio da Expressão Plástica Domínio da Linguagem Oral	« O Museu » Visualização e exploração do livro “O Museu” de Susan Verde Leitura da história Perguntas e respostas sobre a história Observação e descrição de ilustrações do livro
DEZEMBRO Sessão n.º 6	Domínio da Expressão Plástica	« A Bota » Conhecer a artista plástica: Fátima Vaz Observar e conversar sobre a obra <i>A bota do anão habitada</i>

JANEIRO Sessão n.º 7	Domínio da Expressão Musical	« As Janeiras » Cantar <i>as Janeiras</i>
JANEIRO Sessão n.º 8	Domínio da Expressão Musical	« Vivaldi » <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o compositor: Vivaldi - Falar sobre a vida e obra do artista - Ouvir algumas músicas - Dançar/movimentar ao som das músicas - Identificar o instrumento musical: O Violino
JANEIRO/FEVEREIRO Sessão n.º 9	Domínio da Expressão Plástica	« Edgar Degas » <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o artista plástico: Edgar Degas Falar sobre a vida e obra do artista Observação de algumas obras Observar imagens e explorar algumas das suas obras
FEVEREIRO Sessão n.º 10	Domínios da Expressão Plástica, Musical e Dramática	« Visita de estudo Museu José Malhoa e Academia de Música » <ul style="list-style-type: none"> • Museu José Malhoa - Conhecer o artista plástico: José Malhoa - Falar sobre a vida e obra do artista - Observação de algumas obras - Explorar uma das suas obras: <i>Volta da feira, 1905</i> <ul style="list-style-type: none"> • Academia de Música - Falar sobre a diferença entre Orquestra/banda Filarmónica - Partindo de uma obra de José Malhoa explorar a diferença entre uma banda Filarmónica e uma orquestra - Imitar uma banda e uma orquestra
MARÇO Sessão n.º 11	Domínios da Expressão Plástica e Dramática	« Sarah Afonso » Trabalhar algumas obras da artista Sarah Afonso (tema «a família») Observar imagem e explorar a obra: <i>Casamento na aldeia</i>
ABRIL/ MAIO Sessão n.º 12	Domínios da Expressão Plástica	« Van Gogh » Trabalhar a obra de Van Gogh (tema «primavera») Observar imagem e explorar a obra: <i>Os girassóis</i>

2.1. PLANIFICAÇÃO COM AS FAMÍLIAS E A COMUNIDADE

Vimos a participação das famílias e da comunidade como uma forma de desenvolver, alargar e enriquecer situações de aprendizagem. Assim sendo, para estruturar o nosso pensamento em relação às atividades que deveriam integrar o projeto «Nós, a família, a comunidade e as Artes», delineámos alguns objetivos, estratégias e possíveis atividades (ver o Quadro 3).

Quadro 3- Objetivos, estratégias e atividades para o envolvimento da família e da comunidade no projeto «Nós, a família, a comunidade e as Artes»

Objetivos	Estratégias	Atividades
<ul style="list-style-type: none">• Sensibilizar os pais/familiares para a importância do trabalho dos seus educandos no Jardim de Infância• Promover o interesse e participação dos pais/familiares no processo educativo dos seus educandos• Estimular e intensificar a cooperação dos pais/familiares na vida do Jardim	<ul style="list-style-type: none">• Divulgar as atividades e projetos desenvolvidos na sala• Incentivar encontros formais e informais• Implicar as crianças na preparação/organização dos encontros/reuniões• Fomentar a participação nas atividades/projetos desenvolvidos na sala• Pedir colaboração dos pais/familiares em festas/convívios e visitas de estudo	<ul style="list-style-type: none">• Exposição das atividades e projetos desenvolvidos com as crianças• Realização de reuniões e encontros com pais/familiares• Vinda de pais/familiares para participarem na realização de atividades e projetos

Partindo então deste conjunto de intenções, delineámos um plano organizador das atividades que seriam dinamizadas por membros das famílias das crianças e por membros da comunidade onde se inseria o jardim de infância. Para tal, fomos comunicando com os possíveis intervenientes no sentido de os envolver na organização deste plano.

Na reunião inicial com os pais, tal como já referimos no ponto 1 relativo à *Fase inicial – Diagnóstico*, foi-lhes proposto virem à sala dinamizar uma atividade relacionada com as expressões artísticas. Para facilitar a comunicação entre todos, organizámos uma folha de registo onde os pais poderiam assinalar se estavam interessados em participar e referir quais as ideias que já tinham sobre possíveis atividades que poderiam dinamizar. Esta folha ficou afixada na porta da sala de aula durante os meses do projeto para quem quisesse fazer esse registo. Deste modo, a planificação foi sendo construída e revista, em conjunto, à medida que o projeto se foi desenvolvendo (ver Quadro 4).

Quadro 4 - Planificação de atividades a dinamizar pelas famílias e comunidade no âmbito do projeto «Nós, a família, a comunidade e as Artes»

Data / Sessão	Dinamizadores	Atividades
Dezembro Sessão n.º 1	Mãe e pai de aluno C	Modelação com massa de sal – construção de decorações para a árvore de Natal.
Dezembro Sessão n.º 2	Mãe e pai de aluno C	Construção de um Pai Natal utilizando elementos heterogéneos e fazendo o reaproveitamento de materiais.
Janeiro Sessão n.º 3	Tio e prima de aluno G	Apresentação de dois instrumentos musicais: violino e oboé; Audição de uma obra tocada com os dois instrumentos.
Janeiro Sessão n.º 4	Mãe de aluno D	Apresentação do pintor Franz Marc e de algumas das suas obras; Exploração do livro “Um artista que pintou um cavalo de azul” de Eric Carle; Representação de animais através de pintura com aguarelas.
Fevereiro Sessão n.º 5	Mãe de aluno H	Aprendizagem de uma canção acompanhada por órgão.
Janeiro/ fevereiro Sessões n.º 6	Avós, mães e auxiliar do Serviço de Apoio à Família	Ateliê de costura - confecção de fatos de carnaval na sala de aula.
Fevereiro Sessão n.º 7	Mãe de aluno F	Leitura do conto «Abraços e beijinhos» de Christophe Loupy; Imitação dos sons dos animais; Recorte e colagem de formas - corações. Representação da personagem do conto através das formas recortadas.
Fevereiro Sessão n.º 8	Mãe de aluno X	Pintura e colagem na decoração de ovos (de esferovite); Realização do jogo «Caça ao ovo».
Março Sessão n.º 9	Professora de Educação Física (Serviço de Apoio à Família)	Coreografia da música <i>Indo eu indo eu a caminho de Viseu</i> ; Exploração dos movimentos do corpo associando-os ao ritmo e andamento da música.
Março Sessão n.º 10	Presidente de Junta de Freguesia	Semear cabaças: observação da cabaça aberta e das suas sementes; preparação de canteiros e vasos para semear as cabaças.
Março Sessão n.º 11	Mãe de aluno X	Canção: <i>As varinas</i> ; Observação dos trajes de varina e de pescador vestidos por uma mãe e pelo seu filho, respetivamente. Conversa sobre as profissões de varina e pescador. Aprendizagem de uma canção tradicional das varinas da zona de Peniche.
Março Sessão n.º 12	Assistente operacional do SAF	Construção de um cesto fazendo o reaproveitamento de materiais.

Abril Sessão n.º 13	Mãe de aluno L e mãe de aluno P	Construção de borboletas: - Aludindo à estação do ano – Primavera – as crianças construíram borboletas a partir de uma colher de plástico.
Abril Sessão n.º 14	Mãe e tia de aluno B	Construção de pintainhos: - Observação de pompons de lã e do processo de construção dos mesmos; - Elaboração de pompons de lã e decoração dos mesmos representando pintainhos.

3. IMPLEMENTAÇÃO

Nesta parte do presente relatório explicaremos como se concretizaram as atividades planificadas. Primeiramente, iremos apresentar as sessões do projeto «Nós, a família, a comunidade e as Artes» relativas ao trabalho da educadora com as crianças. Em seguida, apresentaremos a descrição e os dados que recolhemos nas sessões dinamizadas por membros das famílias e da comunidade.

3.1. RELATO DAS SESSÕES COM O GRUPO

Sessão n.º 1 – Atividade «Com o meu corpo eu posso...»

Começámos no mês de novembro a trabalhar os temas «O corpo humano» e «Quem sou eu?». Aproveitámos as aulas de movimento para as crianças explorarem o seu corpo, para que pudessem pensar o que podem fazer com o mesmo. A atividade foi realizada no espaço do ginásio. Numa primeira parte foi dada liberdade às crianças para explorarem o seu corpo e, numa segunda fase, foram dadas algumas indicações para irem experimentando o que poderiam fazer com o seu corpo.



Figura 1 – Exploração livre do corpo

Figura 2 – Exploração do corpo seguindo indicações

Quadro 5 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 1.

Tema / Atividade	«O corpo humano» e «Quem sou eu?» Exploração do movimento do corpo
Material	Aparelhagem, Cd e roupa prática
Indicações da educadora	Foi sugerido às crianças que explorassem o seu corpo, que experimentassem o que conseguiam fazer com ele a nível dos movimentos.
Registos da educadora	Respostas das crianças: Com o meu corpo posso... Aluno C: Dançar Aluno I: Mexer-me Aluno N: Saltar à corda Aluno G: Jogar à bola Aluno V: Brincar Aluno F: Encolher-me Aluno D: Esticar-me Aluno O: Andar Aluno A: Nadar Aluno H: Rebolar Aluno J: Dançar Aluno Q: Rastejar Aluno U: Pular Aluno B: Gatinhar Aluno L: Correr Aluno R: Andar de bicicleta Aluno P: Saltar
Notas	Uma das auxiliares do SAF viu o placard, que tinha um trabalho realizado sobre a aula de movimento do corpo e chamou a outra auxiliar para vir ver. Trocaram algumas palavras, elogiando o trabalho e comentando que gostavam do que estavam a ver.

Sessão n.º 2 – Atividade «Eu sou assim»

Contámos duas histórias «Eu sou a Marta!» e «O que eu gosto mais em mim», conversámos sobre como cada um é, o que mais gosta e menos gosta em si, sobre as diferenças que existem entre os meninos da sala, sobre o que é que cada um gosta de vestir e de fazer como *hobby*.

No final da conversa, fomos olhar para o espelho e observar com atenção o que é que vemos. Pedimos para que cada criança se desenhasse a si própria utilizando carvão.

Quadro 6 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 2.

Tema / Atividade	«O corpo humano» e «Quem sou eu?»
Material	Livros, espelho, papel cavalinho, carvão
Indicações da educadora	Foi sugerido que depois de se verem ao espelho se desenhassem utilizando carvão
Registos da educadora	Respostas das crianças: Aluno C: Eu gosto muito do meu cabelo

	Aluno J: Eu gosto dos meus olhos Aluno R: Eu sou grande Aluno G: Eu gosto de tocar violino Aluno I: Eu gosto de dançar <i>hip hop</i>
Notas	Foi interessante fazê-los olhar para si próprios, assim como, olhar para os colegas para verem como são, ver diferenças e semelhanças. Fazê-los pensar no que mais gostam em si.

Sessão n.º 3 – Atividade «Os círculos de Kandinsky»

Para introduzir o círculo, pois as formas geométricas fazem parte das aprendizagens nestas idades e está previsto nas OCEPE (área de Expressão e Comunicação, domínio da matemática) decidimos abordar algumas obras de Kandinsky.

Conversámos sobre o pintor e observámos uma imagem que representava a obra *Concentric Rings*. As crianças responderam a perguntas sobre o que é que achavam da pintura e o que é que viam. Algumas das suas respostas foram: «É muito giro» (Aluno C); «Tem muitas bolas» (Aluno F); «Também tem um quadrado» (Aluno D); «Ele gostava de fazer com muitas cores» (Aluno B); «Ele gostava de desenhar bolas» (Aluno G); e «Pintou muitas bolas» (Aluno N).

Quadro 7 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 3 (1.º trabalho)

Tema / atividade	1.º Trabalho - Exploração de lápis de pastel seco - Trabalho individual
Material	Papel cavalinho A3, lápis pastel seco, laca (a substituir o fixador)
Indicações da educadora	Sugeri que desenhassem círculos, de diferentes tamanhos - grandes, médios, pequenos - utilizando muitas cores.
Registos da educadora	As crianças adoraram desenhar com o pastel seco. Ficaram todos sujos porque experimentaram expandir o lápis com os dedos. Estavam deliciados pois nunca tinham utilizado este material.
Notas	Um dos alunos foi à casa de banho lavar as mãos. A auxiliar da sala 2 encontrou-o, viu-o um pouco sujo e perguntou: «O que é que vocês estão a fazer?». O aluno B respondeu: «Estamos a ser artistas».



Figura 3 – Pintura com pastel seco



Figura 4 – Trabalho final

Quadro 8 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão nº 3 (2.º trabalho)

Tema / atividade	1.º Trabalho - Exploração de lápis de pastel seco - Trabalho individual
Material	Papel cavalinho A3, lápis pastel seco, laca (a substituir o fixador)
Indicações da educadora	Sugeri que déssemos continuidade a um fragmento do quadro de Kandinsky (técnica <i>cadavre exqui</i> a partir da imagem).
Registos da educadora	Todos quiseram fazer e estavam ansiosos pela sua vez
Notas	A Coordenadora do Jardim de Infância entrou na sala e disse: “Que trabalho tão giro sobre o Kandinsky, adoro a tua sala”



Figura 5- Crianças a pintarem utilizando pastel seco Figura 6 - Trabalho final

Sessão n.º 4 – Atividade «Os círculos de Kandinsky»(continuação)

Numa segunda sessão sobre Kandinsky, observámos e analisámos a obra *Several Circles* e as crianças referiram em que é que a mesma era semelhante à obra anteriormente analisada. Duas crianças responderam: «Aqui também pintou círculos» (Aluno B) e «Mas, pintou numa folha preta» (Aluno F).

Quadro 9 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 4

Tema / atividade	1.º Trabalho - Exploração de lápis de cor sobre cartolina preta - Trabalho individual
Material	Cartolina preta, lápis de cor
Indicações da educadora	Sugeri que fizessem um trabalho em cartolina preta e, desta forma, poderiam utilizar o lápis branco.
Registos da educadora	As crianças já estão habituadas a desenhar com lápis de cor, como tal, o entusiasmo não foi tão notório. No entanto, o facto de utilizarem o lápis branco foi importante para eles porque normalmente não o utilizam pois na maioria das vezes desenhavam em papel branco. Algumas reações das crianças: Aluno F: Fizemos círculos com lápis de cor e eu usei o lápis branco. Aluno C: Porque pintámos numa cartolina preta. Aluno D: Eu gostei mais de fazer círculos com o pastel seco.
Notas	Mãe de aluno D: «A minha filha ontem chegou a casa muito entusiasmada a contar que tinham estado a falar sobre um pintor que existiu mas já morreu. Depois pediu-me uma folha e foi desenhar muitos círculos. Mas não consegui dizer-me o nome do artista. Qual foi?»

Mãe de aluno G: «Ele anda muito entusiasmado com a escola, vem todo entusiasmado. Acho a ideia de estarem a trabalhar pintores muito boa. Eu não saberia como o fazer. Não é fácil abordar as artes com estas idades.»



Figura 7- Crianças a pintarem com lápis de cor

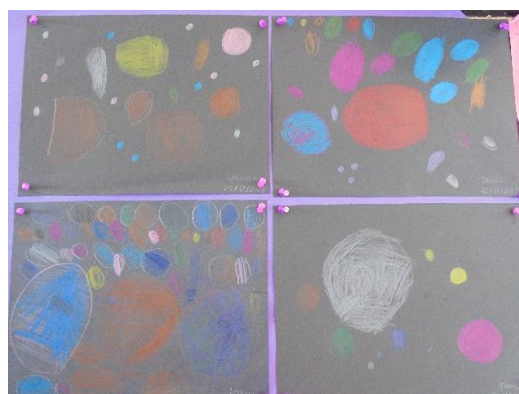


Figura 8 - Trabalho final

Sessão n.º 5 – Atividade «O Museu»

Fomos à biblioteca da EB1/JI e visualizámos o powerpoint da história “O Museu”, de Susan Verde.

Regressámos à sala e foi pedido às crianças que fechassem os olhos e que imaginassem o que poderia estar desenhado na tela branca referida na história. Depois, foi pedido que desenhassem o que imaginaram numa folha de papel cavalinho branca, de tamanho A3.

Utilizaram lápis de pastel de óleo e desenharam ao som de Chopin.

Quadro 10 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 5

Tema / atividade	Desenhar o que poderia estar na tela branca da história «O Museu» - Trabalho individual
Material	Papel cavalinho A3, lápis de pastel de óleo, cd, leitor de cd
Indicações da educadora	Imaginar e desenhar o que poderia estar na tela branca, ao som de Chopin .
Registos da educadora	<p>EDUCADORA: Quem não sabia o que era um museu agora já sabe?</p> <p>Aluno B: Tem quadros e pinturas</p> <p>Aluno O: Tem um quadro branco</p> <p>Aluno F: Tem esculturas</p> <p>Aluno D: É um sítio que se pode ver quadros</p> <p>EDUCADORA: Porque será que no fim da visita ao museu surge um quadro branco?</p> <p>Aluno C: Não o pintaram porque era de noite</p> <p>Aluno B: Porque é um quadro como este (estávamos na biblioteca a visualizar o power point, num quadro interativo)</p> <p>Aluno O: Porque era um quadro das bibliotecas (quadro interativo)</p> <p>EDUCADORA: Agora vamos fechar os olhos, vamos ouvir uma música e cada um vai imaginar o que é que gostaria que estivesse pintado naquela tela ou o que poderia estar pintado</p> <p>Aluno I: Uma casa e a minha família</p> <p>Aluno B: Uma casa, chuva e neve. Um boneco de neve.</p> <p>Aluno P: Muitos meninos</p>

<p>Aluno N: Chuva, ameixas, a mãe, o pai e a casa Aluno G: Imaginei três agentes secretos numa grande tempestade Aluno O: Muitas cores Aluno C: Imaginei que estava a dormir e que a minha almofada estava a deitar fogo. Aluno F: Imaginei que era de noite, havia muitas estrelas e eu estava na relva. Depois apareceu uma estrela cadente. Aluno D: Imaginei eu a brincar num jardim Aluno H: Muitas cores</p>
--

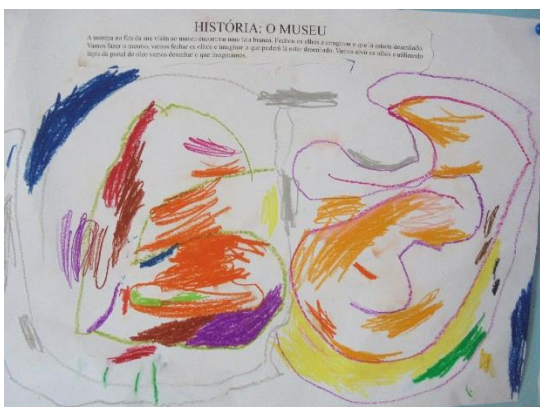


Figura 9 - Trabalho realizado por aluno V



Figura 10 -Trabalho realizado por aluno F

Sessão n.º 6 – Atividade «A Bota»

Para introduzir o tema de Natal explorámos a obra de Fátima Vaz “A bota do anão habitada - 1971”, primeiro, conversámos sobre a vida da artista plástica, observámos algumas das suas obras e, por último, depois de explorarmos a obra atrás indicada foi pedido a cada criança que decorasse a sua bota.

Foi dada a cada criança uma folha de cavalinho branca, com a forma de uma bota. Neste suporte fizeram uma composição com um de dois materiais à escolha: lápis de pastel de óleo ou lápis de pastel seco.

Quadro 11 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 6

Tema / atividade	«A Bota»
Material	<ul style="list-style-type: none"> • Papel cavalinho (forma de uma bota) • Lápis de pastel de óleo • Lápis de pastel seco
Indicações da educadora	Decorar uma bota Trabalho individual
Registos da educadora	Aluno C: É uma bota de natal Aluno O: Não é uma meia Aluno D: A Fátima pintou a bota com muitas cores Aluno Q: Pintou fora da bota Aluno O: A pintura é escura, tem preto Aluno G: Pintou coisas em cima da meia



Figura 11- As Botas pintadas pelas crianças

Sessão n.º 7 – Atividade «As Janeiras»

Aproveitámos a época do ano para ensaiar uma canção “As janeiras” acompanhada por instrumentos e levá-la à comunidade. Assim, fomos cantar «As janeiras» ao lar de idosos e à creche.

Também foram feitas coroas de reis decoradas pelas crianças para contextualizar a atividade.

Quadro 12 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 7

Tema / atividade	«As Janeiras»
Material	<ul style="list-style-type: none"> • Cartolinas • Materiais diversos • Instrumentos musicais
Indicações da educadora	Fazer e decorar coroas Ensaiai a canção Cantar as Janeiras acompanhado por instrumentos musicais no Lar e na Creche
Registos da educadora	Os idosos adoraram a nossa visita, alguns têm netos e/ou bisnetos a frequentar o jardim de infância. As crianças que frequentam a creche ficaram muito contentes com a nossa visita e as nossas crianças também. Algumas puderam ver os irmãos nesta visita.

Sessão n.º 8 – Atividade «Vivaldi»

Contámos a história (Coleção infantil “Grandes compositores”: Vivaldi) sobre a vida de Vivaldi.

No fim da história as crianças falaram sobre o que ouviram, responderam a algumas perguntas e ouviram o cd que acompanha o livro. Nesse mesmo dia tivemos a visita de um tio (dono de uma academia de música que mais tarde visitámos) e de uma prima de uma criança da sala, que vieram tocar violino e oboé.

Foi-lhes pedido para encontrarem um violino, numa folha que tinha vários instrumentos musicais, depois de encontrarem teriam de recortar e colar.

Numa segunda fase fizemos uma aula de movimento no espaço do ginásio para podermos ter mais espaço, ao som das músicas de Vivaldi.

Quadro 13 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 8

Tema / atividade	«Vivaldi»
Material	<ul style="list-style-type: none"> • Livro • Aparelhagem • Cd
Indicações da educadora	Ouvir a história Ouvir Cd Encontrar um violino Dançar/movimentar ao som das músicas de Vivaldi
Registos da educadora	Aluno F: Escrevia letras das músicas, com aquelas coisas: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. Aluno D: Não é isso, escrevia com aquelas coisas, como é que se chama? Aluno G: Notas musicais Aluno C: O Vivaldi tocava violino e ensinava as meninas a tocar violino. O rei gostava muito das suas músicas. Aluno O: Era professor de música e tocava violino. EDUCADORA: Quem é que se lembra do nome de uma música que ele escreveu, que é muito conhecida? Aluno G: As 4 estações

Sessão n.º 9 – Atividade «Edgar Degas»

Conversámos sobre o Edgar Degas, sobre a sua vida e as suas obras. Em seguida, as crianças puderam observar algumas imagens representativas destas obras.

Como Degas é conhecido sobretudo pela sua visão particular no mundo do ballet, sabendo captar os mais belos e subtis cenários, só foram mostradas obras sobre esse mesmo tema.

Aproveitámos o tema dos quadros ser sobre o ballet e bailarinas e fizemos uma aula de movimento partindo do quadro.

Como o Carnaval estava próximo e aproveitando estarmos a trabalhar Degas na sala, explorámos a história: «Soldadinho de chumbo». Como o tema do projeto do Departamento de Educação Pré-escolar do Agrupamento de Escolas era os «Afetos», perspetivámos que esta história se alinhava com uma ideia que surgiu no grupo: no carnaval as crianças iriam mascaradas de soldadinhos e de bailarinas.

Quadro 14 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 9

Tema / atividade	«Edgar Degas»
Material	<ul style="list-style-type: none"> • Imagens • Aparelhagem • Cd • Papel cavalinho • Tule
Indicações da educadora	<p>Observação e exploração de imagens</p> <p>Completar uma bailarina (Folha branca com uma saia em tule)</p> <p>Dançar/movimentar imaginando que estão dentro do quadro</p>
Registos da educadora	<p>Aluno D: Ele era pintor</p> <p>Aluno A: E era francês</p> <p>Aluno C: O Edgar Degas gostava de pintar bailarinas.</p> <p>Aluno J: Quando eu for grande quero ser bailarina</p>
Notas	<p>Daqui surgiu uma ideia de se fazer ateliês de costura, com o objetivo de se fazer os fatos de carnaval, e assim chamar as famílias e a comunidade à escola.</p> <p>As próprias crianças começaram a dizer que tinham alguém na família (umas a mãe, outras a avó ou uma tia) que sabia costurar. Ficaram muitos entusiasmados com a ideia de poderem participar na confeção dos fatos e de terem alguém da família na sala de aula a ajudar nessa mesma confeção.</p> <p>As famílias gostaram muito desta atividade, as avós adoraram poderem estar na sala dos netos e as crianças também ficaram muito satisfeitas com a presença das suas famílias.</p>



Figura 12 - Ateliês de costura

Sessão n.º 10 – Atividade «Visita de estudo: Museu José Malhoa e Academia de Música»

Fomos visitar o Museu José Malhoa. Muitas destas crianças nunca tinham ido visitar um museu, esta situação foi constatada quando se trabalhou em contexto de sala o livro “O Museu”. Quando se programou esta visita foi pedido para alguém dos serviços educativos do museu nos acompanhar.

Da parte da tarde fomos visitar a Academia de Música, aproveitando o convite feito por um tio que é dono da mesma e que esteve na nossa sala a fazer uma atividade sugerida para este projeto.

Conhecemos o espaço físico, as diversas salas com vários instrumentos musicais, assim como os professores de música, que preparam demonstrações com os seus alunos para as nossas crianças poderem ver e ouvir tocar diferentes instrumentos musicais. Estes ainda puderam experimentar tocar alguns desses instrumentos.

Quadro 15 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 10

Tema / atividade	Visita de estudo <ul style="list-style-type: none"> • Museu José Malhoa
------------------	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Academia de Música
ATIVIDADE	<p>Visitar um museu Visitar uma academia de música</p>
Registos da educadora	<p>Aluno H: Fomos ao Museu Aluno C: Vimos estátuas na rua Aluno J.: As estátuas estavam no jardim Aluno F: Fomos ao museu José Malhoa Aluno H: Onde o autocarro parou também tinha uma estátua da rainha Aluno A: Vimos quadros de José Malhoa Aluno G: Eram pinturas Aluno C: Vimos um quadro com um pai e uma menina que tinha morrido</p> <p>ACADEMIA DE MUSICA EDUCADORA: Os professores e os alunos apresentaram-nos alguns instrumentos musicais, quais? Aluno C: O piano Aluno R: Guitarra Aluno F: Contrabaixo e saxofone Aluno D: Violoncelo Aluno A: Tambor Aluno G: Bateria Aluno O: Flauta</p>
1º TRABALHO: Jogo das estátuas	
Material	Pandeireta
Indicações da educadora	Jogar o jogo das estátuas com as crianças
2º TRABALHO: Famílias dos instrumentos	
Material	<p>Imagens de instrumentos Tesoura Cola</p>
Indicações da educadora	<p>Criar 3 conjuntos diferentes (noção de conjunto) Recortar e colar os instrumentos nos conjuntos corretos</p>
3º TRABALHO: Obra de José Malhoa “Volta da feira” 1905	
Material	<p>Folha de papel cavalinho A3 Lápis Imagem da obra (colada no centro da folha)</p>
Indicações da educadora	<p>Explorar a obra “Volta da feira” Explicar às crianças a diferença entre uma orquestra e uma banda (mostrar imagens) Pedir-lhes para completarem a banda que aparece na obra de José Malhoa</p>
4º TRABALHO: Construir instrumentos em cartão	
Material	Cartão

	Tesoura Xis-ato Tintas Lápis de cor
Indicações da educadora	Cada criança escolheu o instrumento que queria Cada criança ajudou a fazer o seu instrumento e depois decorou
Notas	Adoraram esta atividade, passaram bastante tempo a fazer o seu instrumento depois a brincar com ele, ou seja, a imaginar que este tocava mesmo. No final surgiu uma ideia de fazermos a nossa própria banda e fomos à sala do lado tocar com os nossos instrumentos



Figura 13 – Museu

Figura 14 – Academia de Música



Figura 15 – Crianças a tocarem nos instrumentos de cartão Figura 16 – Instrumentos de cartão

Sessão n.º 11 – Atividade «Sarah Afonso»

Conversámos sobre a artista plástica e sobre a sua vida, descobrimos que era casada com um outro grande artista: Almada Negreiros. Observámos algumas das suas obras, *Família 1937, Casamento na Aldeia e Auto-retrato*.

Depois de observarmos algumas das suas obras explorámos a obra *Casamento na Aldeia*. Foram feitas algumas perguntas às crianças, aproveitámos para introduzir o tema «Família» e dar continuidade ao projeto do Agrupamento de Escolas sobre os «Afetos». Demos também continuidade ao trabalho das bandas e dos instrumentos musicais. Na dramatização da história da Carochinha, quando as crianças representaram o casamento quiseram utilizar os instrumentos que tinham construído para fazerem a banda da festa.

Quadro 16 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 11

Tema / atividade	«Sarah Afonso»
1º TRABALHO: Desenhar um casamento	
Material	<ul style="list-style-type: none"> • Papel cavalinho A3 • Retângulos de cartolina com motivos • Naperons de papel • Tecidos • Lápis de cor
Indicações da educadora	Pedir às crianças que representassem um casamento utilizando o material disponível em cima da mesa e completando com desenho, feito com lápis de cor.
Registos da educadora	<p>EDUCADORA: O que é um casamento?</p> <p>Aluno D: É amor e carinho</p> <p>Aluno C: Conhecerem-se um ao outro e depois gostarem muito podem casar.</p> <p>EDUCADORA: Quem é que já foi a um casamento?</p> <p>Aluno L: Eu já fui e tinha um bolo</p> <p>Aluno C: As senhoras vestem-se de noivas</p> <p>Aluno O: de branco</p> <p>EDUCADORA: Quando fazemos uma festa quem é que nós convidamos?</p> <p>Aluno C: O pai e a mãe</p> <p>Aluno R: Os avós</p> <p>Aluno O: A família</p> <p>Aluno I: Os amigos</p> <p>EDUCADORA: O que é que existe numa festa?</p> <p>Aluno L: Bolos</p> <p>Aluno O: Sobremesas</p> <p>Aluno D: Música</p> <p>Aluno I: Dançar</p>
Notas	Na sequência desta atividade surgiu a ideia de pedir aos pais fotografias do seu casamento, pois no seguimento de uma das conversas de grupo, uma das crianças falou que os pais tinham a fotografia do casamento numa moldura da sala e perguntou se a podia

	<p>trazer para a sala no dia seguinte. Aproveitámos essa ideia e alargámos às outras crianças.</p>
2º TRABALHO: Árvore da família	
Material	<ul style="list-style-type: none"> • Cartão • Tintas • Fotografias • Balde • Tronco seco
Indicações da educadora	<p>Foram feitas molduras em cartão, depois cada criança pintou a sua. Pedimos aos pais para enviarem para a escola fotografias do seu casamento. Cada criança mostrou a fotografia que trouxe de casa aos colegas. Colou-a na sua moldura e depois decorámos a árvore, que intitulámos como a árvore da família.</p>
Notas	<p>Como nem todos os pais se casaram ou fizeram alguma festa por irem viver juntos sentiu-se a necessidade de alargar este trabalho. Então foi pedido a cada família para apresentarem a sua família.</p>
3º TRABALHO: Árvores Genealógicas	
Material	<ul style="list-style-type: none"> • Deixámos à escolha de cada família
Indicações da educadora	<p>Cada família fazer um trabalho em família da sua árvore genealógica para cada criança apresentar aos outros colegas.</p>
Registos da educadora	<p>Apareceram trabalhos maravilhosos, os pais dedicaram-se a esta atividade de uma forma grandiosa. Houve vários pais a virem à escola para fazerem perguntas à educadora, muito entusiasmados com o trabalho que queriam fazer. Alguns pais pediram ajuda aos avós o que enriqueceu esta atividade.</p>
Notas	<p>Estes trabalhos estavam tão bons que os colocámos na entrada da escola para que todos os pudessem ver. A presidente de Junta de Freguesia veio à escola e adorou a exposição de trabalhos. Numa conversa informal com a educadora surgiu a ideia de se fazer uma exposição na Junta de Freguesia e assim toda a comunidade poderia ver os trabalhos.</p>
4º TRABALHO: Dramatização da história “Carochinha e o João Ratão”	
Material	<ul style="list-style-type: none"> • Livro • Adereços
Indicações da educadora	<p>A educadora escolheu a história da Carochinha porque esta tem um casamento, assim como, também dá para enquadrar no tema a ser trabalhado pelo agrupamento, os Afetos. As crianças escolheram os seus adereços e criámos alguns em sala de aula, depois fizeram a dramatização da história. Gostaram tanto que todos quiseram participar, como tal fizeram várias vezes a dramatização desta.</p>



Figura 17 – Dramatização da «Carochinha»

Sessão n.º 12 – Atividade «Van Gogh»

Iniciámos a atividade falando na primavera, nas diferentes flores que cada criança observava durante o percurso para a escola e/ou nos seus quintais.

Vimos um power point feito para as crianças ficarem a conhecer algo sobre o artista plástico Van Gogh e observarem imagens representativas dos vários quadros onde ele pintou flores.

Comparámos três imagens diferentes de três obras onde Van Gogh pintou girassóis, observámos ainda uma jarra com girassóis verdadeiros.

Quadro 17 – Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 12

Tema / atividade	Van Gogh
1º TRABALHO: Desenhar com carvão e pintar com aguarelas	
Material	<ul style="list-style-type: none"> • Papel cavalinho A3 • Carvão • Aguarelas
Indicações da educadora	Desenhar flores da primavera em carvão e depois pintar com aguarelas
Registos da educadora	As crianças nunca tinham experimentado desenhar primeiro com carvão e pintar. Gostaram do resultado final e pediram se podiam voltar a fazer outros desenhos com esta técnica.
2º TRABALHO: Construir girassóis com pratos de papel	
Material	<ul style="list-style-type: none"> • Pratos de papel • Tintas • Purpurinas • Papel cenário
Indicações da	Pintar pratos de papel, recortar para fazer girassóis (trabalho

educadora	individual) Pintar um jardim numa folha de papel cenário e colar os pratos de papel (trabalho de grupo) Cada criança fazer um bicho (abelhas, joaninhas, borboletas, caracóis) com materiais reciclados para decorar o jardim
3º TRABALHO: Recortar flores para decorar jarra	
Material	<ul style="list-style-type: none"> • Papel cavalinho A3 • Tesouras • Cola • Imagens de diferentes flores
Indicações da educadora	Procurar flores, recortar e colar numa jarra. Cada criança decora uma jarra com flores



Figura 18 – Desenho a carvão e pintura a aguarelas



Figura 19 – Trabalho de grupo, jardim de girassóis

1.2 RELATO DAS SESSÕES COM AS FAMÍLIAS E COMUNIDADE

Sessão n.º 1 – Atividade «Modelação»

Os primeiros pais a aceitarem o nosso desafio pediram se podiam ir ainda no mês de dezembro fazer uma atividade à sala porque a mãe iria começar a trabalhar e depois seria mais difícil ter disponibilidade.

Vieram à sala fazer massa de sal, tendo as crianças ajudado na confeção desta massa para modelar. Numa primeira fase fizeram modelação livremente, numa segunda fase fizeram peças para pendurar na árvore de Natal, com a ajuda de formas.

As peças foram ao forno, e depois de um período de secagem puderam ser pintadas. Cada criança levou as suas peças para casa para poder enfeitar a sua árvore.

Quadro 18 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 1

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
09/12/2015	Massa de sal: modelação Fazer decorações de Natal	Mãe e pai de aluno C
Registos da educadora	Aluno B: Fizemos massa Aluno D: Juntámos farinha e sal depois amassamos Aluno C: Gostei de amassar a massa e de ajudar os meninos. Foi divertido ter o pai e a mãe na minha sala. Aluno O: A massa foi ao forno Aluno G: Depois pintámos as peças de natal Aluno R: Agora já não se pode comer	



Figura 20 – Sessão n.º 1

Sessão n.º 2 – Atividade «Pai Natal»

Os pais do aluno C quiseram repetir a experiência e voltaram outro dia com uma outra atividade. Cada criança construiu um Pai Natal utilizando material reciclado e algum material de desperdício.

Quadro 19 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 2

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
10/12/2015	Pai Natal Fazer Pai Natal aproveitando material reciclado e de desperdício.	Mãe e pai de aluno C
Registos da educadora	Aluno G: Fizemos pai Natais Aluno D: Usámos rolos de papel higiénico	

	Aluno O: Usámos algodão para fazer a barba
--	--



Figura 21 – Sessão n.º 2

Sessão n.º 3 – Atividade «Violino e oboé»

O Tio e a prima do aluno G vieram até à nossa sala mostrar dois instrumentos musicais, o violino e o oboé. Falaram sobre estes instrumentos, tocaram e deixaram as crianças tocarem também.

Este tio é dono de uma Academia de Música e trouxe para nos oferecer um cd com músicas cantadas e tocadas por outras crianças. No final, convidou-nos a visitar a sua academia de música.

Quadro 20 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 3

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
11/01/2016	Dar a conhecer e tocar 2 instrumentos musicais: Violino e o Oboé	Tio e prima do aluno G
Registos da educadora	Aluno G: O tio veio cá tocar oboé Aluno D: A Madalena veio tocar violino e fizeram uma atividade gira connosco. Aluno J: Os meninos também puderam tocar Aluno H: Eu gostei muito Aluno N: A Leonor tocou um bocadinho de violino Aluno F: A Madalena tinha uma folha para tocar violino Aluno C: A folha tinha notas musicais	



Figura 22 – Sessão n.º 3

Sessão n.º 4 – Atividade «O artista que pintou o cavalo de azul»

A mãe do aluno D trouxe uma história para nos contar: “O Artista que pintou o cavalo de azul”, de Eric Carle. Depois de contar a história, disse-nos que esta era baseada em factos verídicos, ou seja, houve um pintor que na realidade pintou mesmo um cavalo de azul.

Falou-nos um pouco sobre o pintor Franz Marc, sobre a sua vida e as suas obras.

Depois deu-nos a escolher vários animais para pintarmos com aguarelas.

Quadro 21 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 4

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
13/01/2016	História: O artista que pintou o cavalo de azul Artista plástico: Franz Marc	Mãe de aluno D
Registos da educadora :	Aluno D: A minha mãe trouxe uma história para contar aos meninos Aluno O: O artista que pintou o cavalo de azul EDUCADORA: Como é que se chamava esse artista? Aluno G: Franz Marc EDUCADORA: Ele era português? Aluno C: Não, nasceu na Alemanha Aluno F: Ele gostava de pintar coisas fora do normal, com outras cores Aluno D: Mas eu gosto muito das pinturas dele	



Figura 23 – Sessão n.º 4

Sessão n.º 5 – Atividade «Canção Muita alegria»

A mãe de aluno H veio ensinar-nos uma canção de carnaval, trouxe um órgão consigo para acompanhar a canção. As crianças numa primeira fase aprenderam a canção, numa segunda fase cantaram a canção acompanhando com gestos e numa terceira fase acompanhando com instrumentos musicais. Tiveram ainda a oportunidade de tocar órgão.

Quadro 22 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 5

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
28/01/2016	Canção de Carnaval	Mãe de aluno H
Registos da educadora	Aluno D: A mãe da Inês veio à sala ensinar uma música de carnaval. Aluno C: A canção tinha gestos Aluno P: Tinha um piano Aluno F: Não é um piano é um órgão A mãe da Inês deixou-nos tocar com os instrumentos Aluno D: Eu toquei triângulo Aluno G: Eu toquei reco reco Aluno N: Eu toquei aquele da bola Aluno F: São as maracas Aluno H: Eu toquei pandeireta	



Figura 24 – Sessão n.º 5

Sessão n.º 6 – Atividade «Ateliês de costura»

No seguimento da exploração de algumas obras de Edgar Degas e do conto da história “O soldadinho de chumbo” surgiu a ideia, por parte das crianças, de nos mascararmos no carnaval de bailarinas e de soldadinhos. Pedimos colaboração às famílias e à comunidade escolar para a confeção dos mesmos. Fizemos ateliês de costura na sala onde os pais, avós e algumas assistentes operacionais nos ajudaram na confeção dos fatos.

Quadro 23 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 6

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
Janeiro/fevereiro	Fazer os fatos para o carnaval	Várias mães, avós e A.O.
Registos da educadora	Aluno C : O meu pai e a minha mãe vieram ajudar a fazer as saias das bailarinas Aluno N: Gostei muito de ter a minha avó na sala Aluno V: A minha mãe não tem máquina mas cortou os fatos Aluno H: A minha também Aluno I : A minha avó quer vir outra vez à escola fazer mais fatos	

Sessão n.º 7 – Atividade «Abraços e beijinhos»

A mãe de aluno trouxe uma história cheia de afetos, tal como o tema do projeto do

Agrupamento de Escolas e assim trabalhou-se em sala de aula os afetos e as expressões. Depois de ouvirem a história, a mãe pediu para os alunos imitarem sons de animais e de os imitarem (movimento). Numa segunda fase, a mãe entregou vários cartões com corações desenhados de tamanhos diferentes, foi pedido a umas crianças para recortarem os corações e a outras para os picotarem. No fim, ensinou a construir um cão juntando os vários corações.

Quadro 24 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 7

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
22/02/2016	História: Abraços e beijinhos Construir através de corações a personagem da história	Mãe de aluno F
Registos da educadora	Aluno A: Eu gosto tanto de corações, gostei muito de fazer o cão Aluno F: A minha mãe lembrou-se de fazermos o cão só com corações Aluno O: Eu gostei mais de imitar os animais Aluno C: Eu também.	



Figura 25 – Sessão n.º 7

Sessão n.º 8 – Atividade «Decorar ovos»

Como estávamos perto da Páscoa a mãe do aluno X trouxe ovos para decorar, também trouxe diversos materiais e assim cada criança pode decorar o seu ovo. No final, propôs uma caça ao ovo, os ovos foram escondidos na sala enquanto as crianças brincaram um pouco na rua.

Quadro 25 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 8

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
02/03/2016	Decorar ovos	Mãe de aluno X

	Jogo: caça ao ovo	
Registos da educadora	Aluno D: Decorámos ovos de esferovite Aluno H: Com tintas, fitas e brilhantes Aluno B: Eu gostei muito de jogar Aluno I: Não era jogo era caça ao ovo Aluno X: Foi a minha mãe que trouxe os ovos	



Figura 26 – Sessão n.º 8

Sessão n.º 9 – Atividade «Coreografia»

A professora de educação física ouviu falar no nosso projeto e também quis participar com uma coreografia. Veio ao jardim de infância em tempo letivo ensinar uma coreografia aos nossos alunos.

Quadro 26 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 9

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
03/03/2016	Coreografia	Professora de educação física
Registos da educadora	As crianças adoraram esta experiência. Só alguns deles é que tinham aulas com a professora de educação física, porque esta atividade é só para os meninos que ficam no SAF. Desta forma todos puderam fazer uma atividade com a professora.	



Figura 27 – Sessão n.º 9

Sessão n.º 10 – Atividade «Semear cabaças»

A Presidente de Junta quis fazer uma atividade relacionada com a Primavera e com o Dia da Árvore, então surgiu a ideia de semear cabaças. Quando as cabaças crescessem dariam para fazerem trabalhos muito originais.

Veio acompanhada por um jardineiro que abriu uma cabaça para mostrar as sementes que estão no interior dela e ajudou as crianças a semearem. Depois dentro da sala contámos a história “Corre, corre cabacinha”.

Quadro 27 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 10

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
15/03/2016	Semear cabaças História: Corre, corre cabacinha	Presidente de Junta de Freguesia
Registos da educadora	Aluno J: A presidente veio à nossa escola Aluno I: Semeámos cabaças Aluno A: Eram sementes Aluno F: Vimos as sementes dentro da cabaça Aluno H: Eu pus a minha semente na terra Aluno C: A cabaça que a presidente trouxe era igual à da história Aluno D: Na história diziam “corre, corre cabacinha, corre, corre cabação, não vi velha, nem velhinha, não vi velha, nem velhão”	

Sessão n.º 11 – Atividade «Canção As varinas»

A mãe de aluno X gostou tanto de participar da primeira vez com uma atividade que quis repetir, voltando à nossa sala com uma outra proposta.

Uma vez que o pai do aluno X, seu filho, era pescador, vestiu-se a rigor de varina e veio ensinar uma canção sobre «As varinas».

Quadro 28 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 11

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
16/03/2016	Canção: As varinas	Mãe de aluno X
Registos da educadora	Aluno C: A mãe do X estava tão gira com aquelas roupas Aluno D: Eu nunca tinha visto uma varina Aluno B: O meu avô também pesca Aluno A: Os peixes que a mãe nos deu tinham brilhantes.	



Figura 28 – Sessão n.º 11

Sessão n.º 12 – Atividade «Cestos da Páscoa»

Uma das assistentes operacionais perguntou se também podia participar com uma atividade, pois gostou muito da ideia e do movimento que se criou na escola com a vinda dos familiares à sala.

Como só conseguia ir à nossa sala quando estivesse de férias veio num dia de interrupção letiva (para o 1.º Ciclo) da Páscoa e trouxe uma atividade relacionada com esse tema, decorar umas caixas e transformá-las em cestos da Páscoa.

Quadro 29 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 12

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
22/03/2016	Fazer cestos para a Páscoa	Assistente operacional

Registos da educadora	<p>Aluno G: Hoje a Ana veio trabalhar connosco na nossa sala</p> <p>Aluno J: Eu gostei que a Ana viesse à nossa sala</p> <p>Aluno F: Fizemos cestos para as amêndoas da Páscoa</p> <p>Aluno C: E o cesto tinha um coelho</p> <p>Aluno N: Usámos cola quente</p>
-----------------------	---



Figura 29 – Sessão n.º 12

Sessão n.º 13 – Atividade «Borboletas»

As mães dos alunos L e P queriam muito participar mas não foi fácil conseguirem horário para o poderem fazer. Aproveitaram uma altura em que a fábrica onde trabalham lhes deu uns dias de férias e marcaram logo um dia para virem fazer borboletas utilizando colheres de plástico e outros materiais.

Quadro 30 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 13

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
28/04/2016	Fazer borboletas	Mãe de aluno L e mãe de aluno P
Registos da educadora	<p>Aluno L: Hoje foi o dia da minha mãe vir cá ter connosco</p> <p>Aluno P: A minha mãe também veio</p> <p>Aluno R: Eram borboletas</p> <p>Aluno N: Fizemos borboletas</p> <p>Aluno D: Usámos colheres de comer os iogurtes</p>	
Notas	<p>São mães que devido ao seu horário têm muita dificuldade em vir à escola. Estas crianças estão em amas e têm que ficar no ATL, ou seja, passam muitas horas na escola.</p> <p>Estavam radiantes de terem as mães na sala e de estas terem vindo participar como alguns dos outros pais e familiares dos outros colegas já tinham feito.</p> <p>As mães também estavam muito satisfeitas por terem tido oportunidade de participar e por verem a felicidade estampada na cara dos seus filhos.</p>	



Figura 30 – Sessão n.º 13

Sessão n.º 14 – Atividade «Pintainhos»

Esta atividade foi marcada e remarcada várias vezes, devido ao emprego/horários desta mãe e porque o aluno ficou doente. Mas, o importante era a vontade de participar desta mãe. Conseguimos arranjar um dia para a mãe e a tia do aluno B virem à sala ensinarnos a fazer pompons e, com os mesmos, construir pintainhos.

Quadro 31 - Componentes que caracterizam a atividade da Sessão n.º 14

DATA	ATIVIDADE	DINAMIZADORES
30/04/2016	Fazer pintainhos	Mãe e tia de aluno B
Registos da educadora	Aluno B: Hoje foi a minha mãe e a minha tia que vieram à escola Aluno C: Hoje o B portou-se muito bem. Aluno O: Podemos por os pintainhos na nossa árvore da Páscoa? Aluno Q: A minha avó também tem pintainhos Aluno G: Vou ensinar a minha mãe como se faz pintainhos	



Figura 31 – Sessão n.º14

4. AVALIAÇÃO - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

No momento de fazer uma avaliação do projeto, pensámos em fazer uma comparação entre o que se fez e o que se queria fazer inicialmente. Pensámos, de igual modo, que seria importante verificar qual foi o grau de cumprimento dos objetivos inicialmente formulados, tentando perceber o que foi alcançado por parte de todos os envolvidos – as crianças e os membros das famílias e da comunidade. Reconhecemos também que era essencial que estes intervenientes no projeto participassem na sua avaliação.

Ao longo de todo o processo, procurámos também que a avaliação fosse permanente. Ou seja, tendo nós adotado uma lógica de investigação-ação, fomos ajustando as nossas opções em função da dinâmica que surgia no próprio projeto, adequando atividades, materiais e formas de agir.

Assim sendo, para avaliar o projeto «Nós, a família, a comunidade e as Artes» considerámos ser importante contemplar:

- a) *A avaliação das aprendizagens das crianças*, apresentando uma síntese das principais evidências;
- b) *A avaliação do projeto na perspetiva da educadora*, apresentando também uma síntese relativamente ao seu papel no desenvolvimento do projeto;
- c) *A avaliação do projeto na perspetiva dos pais*, apresentando os dados obtidos através da aplicação de um questionário;

d) *A avaliação do projeto na perspectiva dos membros da comunidade*, apresentando também uma síntese sobre o que foi percebido pela educadora no contacto com pessoas pertencentes à comunidade onde se insere o jardim de infância.

4.1. A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS

No que se refere à avaliação das aprendizagens das crianças, julgamos ter mostrado nos pontos anteriores múltiplas evidências das aprendizagens em construção. Confirmando o que os autores consultados referem (Almeida, 2011; Kowalski, 2004; Vygotsky, 2009) e fazendo uma síntese, podemos dizer que, com as experiências artísticas vivenciadas no contexto do projeto, as crianças:

- desenvolveram a sua sensibilidade estética, na medida em que se envolveram em diferentes ações e exploraram, sensivelmente, várias linguagens;
- experimentaram novos modos de expressão gráfica, musical e dramática;
- conheceram e experimentaram novos materiais e novas técnicas,
- evoluíram no modo como representam graficamente a figura humana e o espaço;
- ampliaram o seu conhecimento e consciência sobre os movimentos do seu corpo;
- falaram e ouviram falar sobre obras de arte e, em momentos de fruição, puderam criar, observar e fazer leituras pessoais sobre as imagens, referindo ideias e emoções que estas lhes suscitavam;
- relacionaram-se com o outro, cooperando, partilhando e discutindo ideias;
- ampliaram a sua literacia artística, na medida em que se familiarizaram com o trabalho de artistas plásticos, músicos, compositores, obras materializadas em diversas linguagens artísticas;
- compreenderam os objetos e aprenderam a valorizá-los reconhecendo as funções para que foram criados (ex: fatos de carnaval, instrumentos musicais, etc.)
- construíram e desenvolveram um sentimento de pertença ao meio em que se inserem;
- reconheceram que a família faz parte da comunidade escolar;
- familiarizaram-se com equipamentos culturais que desconheciam.

4.2. A AVALIAÇÃO DO PROJETO NA PERSPETIVA DA EDUCADORA

Com a implementação deste projeto foi possível observar vários aspetos importantes que, como educadora, ajudaram a refletir e a alterar algumas práticas.

Um dos primeiros aspetos foi que, desde o início, sentimos o apoio forte dos pais, do pessoal docente e não docente da escola onde a experiência foi realizada. Este facto revelou-se fundamental no desenvolvimento do projeto, pois a adesão de toda a comunidade educativa facilitou todo este processo e as relações criativas que se foram estabelecendo.

O interesse e a motivação dos pais foram de tal forma surpreendentes que houve necessidade de organizar um calendário para estruturar as diversas sessões em que eles iriam participar. Embora inicialmente se tivesse programado o início do projeto para janeiro, tivemos que o iniciar em dezembro para podermos incluir todos os pais interessados. Observámos também que, tanto para os pais como para as crianças, este envolvimento foi bastante significativo, como evidenciam as seguintes respostas “Considerarei a minha participação muito positiva, não só para o grupo de crianças, como para a minha filha que estava muito entusiasmada e ansiosa que o dia chegasse”Q17, “(...) ter ido à sala foi importante para a minha filha...gostou de ver a mãe a ensinar uma canção aos amiguinhos...ela se sentiu importante por ter a mãe na sala”Q14.

Esta situação fez-nos refletir no sentido em que nem sempre a ausência dos pais está relacionada com o seu desinteresse ou indisponibilidade, mas sim com a inexistência da abertura de “portas” por parte da própria escola.

Abrir as portas do jardim de infância aos pais proporcionou-lhes vivenciar e compreender a vida e as rotinas dos seus filhos neste espaço, como evidenciam estas respostas “(...) esta experiência levou-me a perceber de que não é fácil ensinar os mais pequenos, pois são ativos, participativos e não pode ser uma atividade muito comprida”Q14, “(...) ver como elas se entusiasmam a fazer algumas atividades e ficam felizes por nos ter lá”Q9.

Estes momentos de relação entre as famílias e as crianças foram de grande relevância pois tiveram oportunidade de organizarem atividades e de criarem algo juntos, estabelecendo interseções afetivas e criativas. Este projeto foi muito importante para o nosso desenvolvimento profissional e pessoal uma vez que ficámos mais ricos com os

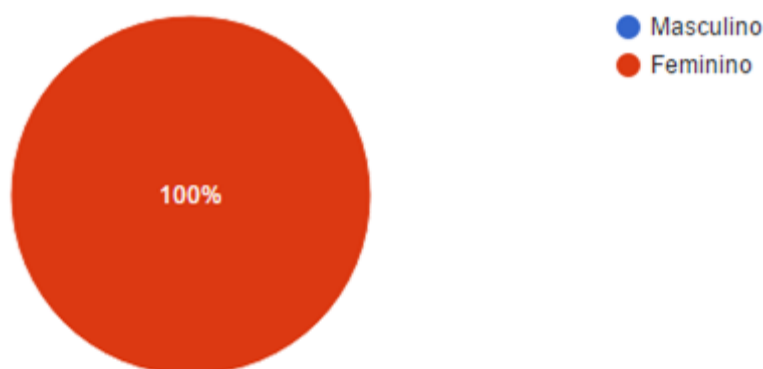
contributos que recebemos e que nos ajudarão a melhorar o nosso desempenho profissional e as nossas competências pessoais.

4.3. A AVALIAÇÃO DO PROJETO NA PERSPETIVA DOS PAIS

De acordo com o que referimos no *Capítulo II – Metodologia*, era nossa intenção recolher dados junto de todos os pais e encarregados de educação e optámos por aplicar inquéritos por questionário, pois considerámos que esta técnica se ajustava ao tipo de informação a recolher para poder fazer a avaliação do projeto na ótica dos pais.

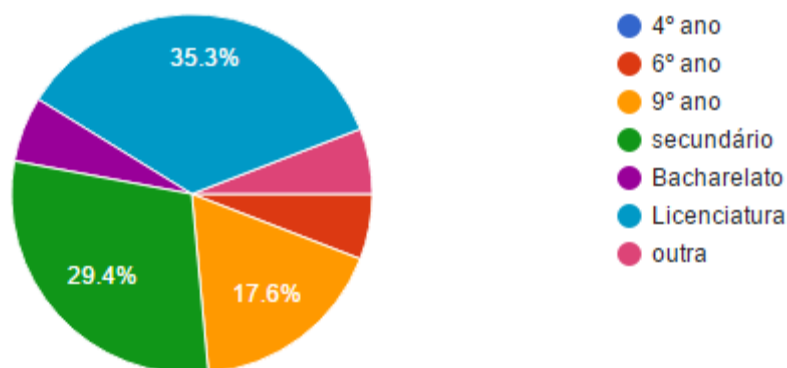
Recordamos que estes questionários foram enviados aos pais na fase final do projeto e, após o seu preenchimento, foram devolvidos à educadora. Apresentamos em seguida os dados recolhidos.

Gráfico 1 – Caraterização dos respondentes - Género



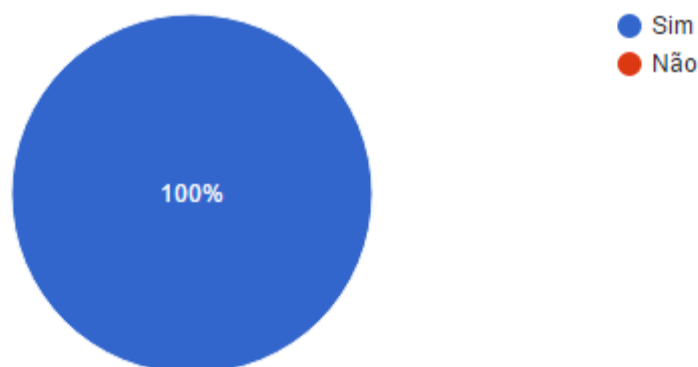
Conforme indica o Gráfico 1, todas as pessoas que responderam ao questionário são do sexo feminino, o que demonstra que a totalidade dos respondentes foram as mães. Este facto vai ao encontro da experiência que temos tido com estes pais uma vez foram as mães que aderiram ao projeto, não tendo havido um único pai envolvido.

Gráfico 2 - Caraterização dos respondentes - Habilitações literárias



Verificámos que, embora 35,3% das mães que responderam ao questionário sejam titulares de uma licenciatura, o conjunto das que têm o ensino secundário, o 9.º ano e o 6.º ano constitui a maioria.

Gráfico 3 – Respostas à questão 3.



Em relação à *Questão 3 – Acha importante que o seu filho realize atividades com as artes?* – a totalidade de respondentes referiu que acha importante que o seu filho realize atividades com as artes.

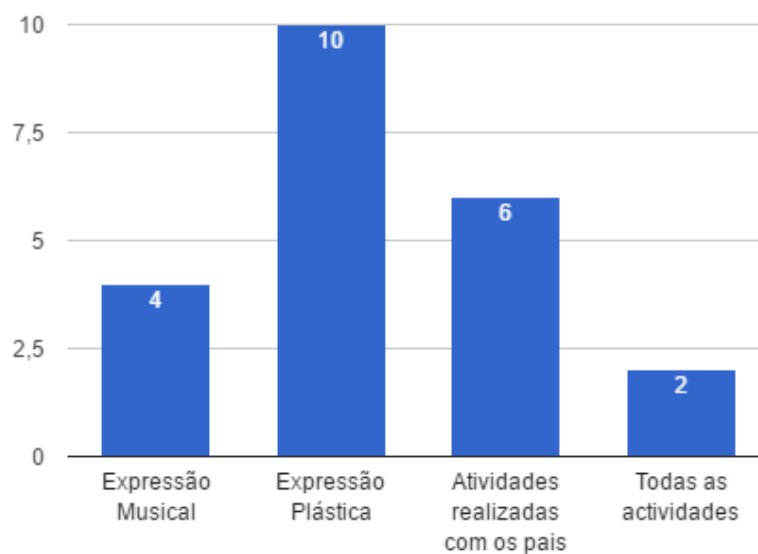
Ao justificarem a resposta anterior (questão *Porquê?*), as respondentes revelam-nos que atribuem essa importância porque as artes contribuem para o desenvolvimento da criança e porque também acham importante que as crianças vivenciem diferentes experiências (ver Quadro 32). Ao analisar o conteúdo destas respostas, constituímos duas categorias – *Contributo para o desenvolvimento da criança* e *Importância da vivência de diferentes experiências* – tendo a primeira enquadrado um maior número de unidades de registo.

Quadro 32 – Análise das respostas à questão 3.1.

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	TOTAL
Contributo para o desenvolvimento da criança	“Desenvolve as suas capacidades, seus conhecimentos, criatividade” Q2 “Desenvolvimento da parte criativa...a concentração” Q3 “...e tudo o que tem a ver com tesouras, cola e pinturas eles até crescem” Q5 “...potenciam a criatividade e diversas visões e interpretações...os tornaram pessoas mais tolerantes”Q6 “...para o cérebro dos nossos filhos se desenvolver” Q8 “Porque a parte artística trabalha mais o lado sensível da criança” Q9 “Porque eu acho que ele ficou mais desenvolvido” Q10 “Porque ajuda a desenvolver os seus conhecimentos, a sua imaginação e a sua veia artística” Q11 “Ajuda no desenvolvimento cognitivo e também emocional...” Q12 “Desenvolve a criatividade” Q12 “Estimula os sentidos, a coordenação e a imaginação” Q13 “Para o desenvolvimento de outro tipo de capacidade, outro tipo de estímulo...”Q15 “Permite aos alunos desenvolver o gosto por estas áreas” Q16 “...a arte deve fazer parte integrante do desenvolvimento...”Q17 “Com a arte aprendemos a pensar, a sentir, a ser original, a criar” Q17	12
Importância da vivência de diferentes experiências	“Ser uma mais valia para o meu educando” Q4 “Porque eles gostam de desafios novos...” Q5 “É bom saber um pouco de tudo e aprender coisas novas...” Q8 “...a expressar-se de diferentes formas” Q12 “Porque a aprendizagem através das artes é mais lúdica e a criança tem mais facilidade em aprender os conteúdos” Q14 “...que haja um conhecimento sobre os vários tipo de artes que existem” Q16 “...é importante que através da arte se crie, se invente, se contemple, se experimente, se sinta, se diga, se viva” Q17	7

No que respeita à *Questão 4 - Na sua opinião, ao longo deste ano, qual foi a atividade artística que o seu filho gostou mais de realizar? (dê um exemplo ou dois)*, foram identificadas diversas atividades e agrupámo-las pelas seguintes categorias: *Expressão musical, Expressão plástica, Atividades realizadas com os pais e Todas as atividades*. As atividades da área de expressão plástica foram as mais mencionadas, seguidas das atividades realizadas com os pais.

Gráfico 4 – Respostas à questão 4.



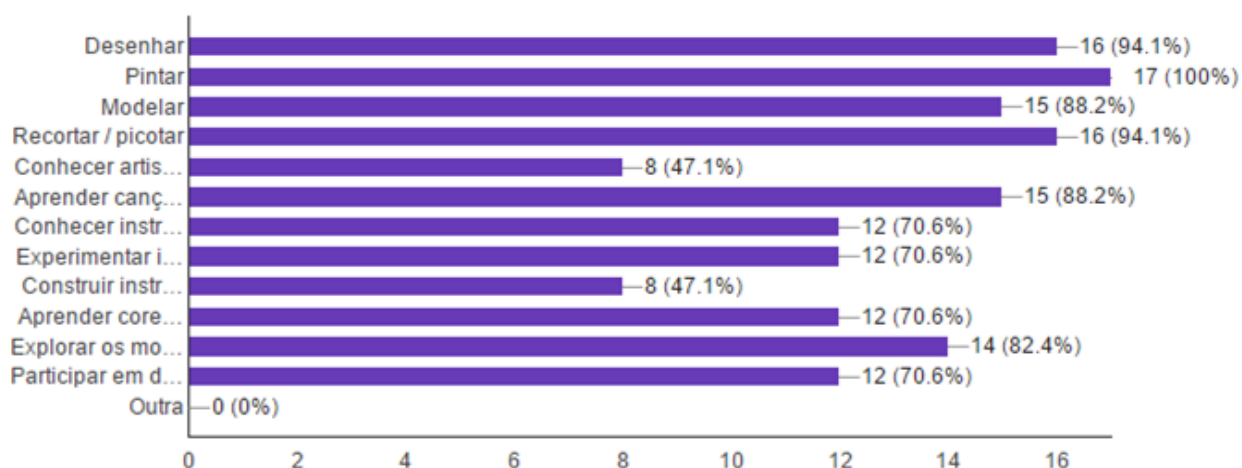
Ao justificarem a resposta anterior (questão *Porquê?*) as respostas distribuíram-se por três categorias – *Gosto pessoal*, *Contributo para o desenvolvimento da criança e Contributo para alargar o conhecimento*. Consideramos que estas respostas revelam que as respondentes estavam atentas ao que se passava na escola, pois conseguiram recordar atividades e referir pormenores do envolvimento dos seus filhos nas mesmas.

Quadro 33 – Análise das respostas à questão 4.1.

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	TOTAL
Gosto pessoal	“Prenda do dia da mãe...foi o trabalho que ele demonstrou mais interesse...”Q2 “Aprender canções novas, pintar, recortar e colar...são as que mencionava mais em casa” Q3 “O entusiasmo pela participação em trabalhar...”Q4 “...atividades que os pais ajudaram a realizar...é muito agarrada a tudo o que é feito com a família” Q5 “...o meu filho gostou muito de apresentar a sua família aos novos amiguinhos e adorou entregar-me o presente do dia da mãe...”Q8 “...gosta de pintar e em casa gosta de fazer as atividades propostas para levar para a escola” Q9 “Gosta de pintar com tintas e pincéis”Q12 “Revelou bastante entusiasmo...” Q13 “...gostou de realizar todas as atividades” Q16 “Tudo o que permite à criança se envolver, deixa-a mais feliz” Q17	10
Contributo para o desenvolvimento	“...notámos maior desenvolvimento dele” Q3 “Desenhar ele próprio...serve para que aperfeiçoe o desenho e de alguma forma se valorize como pessoa”Q7	5

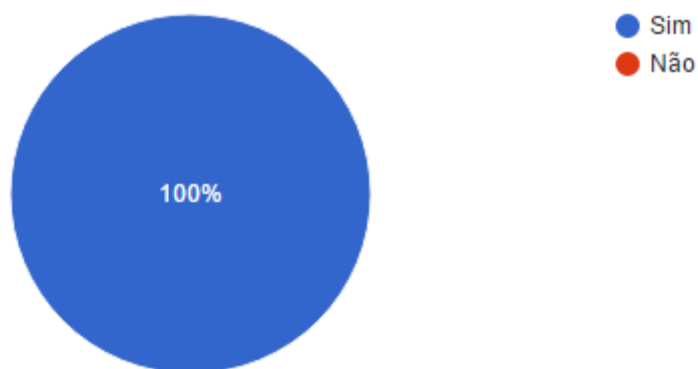
da criança	<p>“É um outro tipo de abordagem, explora de uma forma diferente as suas capacidades...”Q15</p> <p>“Foram experiências novas que viveu/experimentou num determinado contexto e que noutra situação provavelmente não teriam acontecido” Q16</p> <p>“Porque ela envolveu-se e participou ativamente em todo o processo de planificação e preparação do material para a atividade” Q17</p>	
Contributo para alargar o conhecimento	<p>“...e o facto de colaborar na frase escrita foi ótimo” Q2</p> <p>“...adora desafios novos” Q5</p> <p>“Realização das flores com lápis de carvão e pintarem com tintas...é bom para que aprenda a “mexer” nas tintas e fazer as misturas certas para obter as cores...”Q7</p> <p>“Gosta de conhecer senhores que pintavam quadros muito bonitos e saber coisas sobre eles. “Van Googh já morreu, mas pintou alguns quadros. Ele era da Holanda” - ”Diz muitas vezes” Q12</p> <p>“...gostou de aprender canções pois chega a casa e canta as canções apreendidas na sala” Q14</p> <p>“...é uma matéria diferente e ao mesmo tempo interessante” Q15</p>	6

Gráfico 5 – Respostas à Questão 5



No que respeita à *Questão 5 - Das seguintes atividades realizadas, em contexto de sala de aula, qual ou quais acha mais importante (s) para as aprendizagens e desenvolvimento do seu filho?*, podemos verificar que a atividade considerada pelos pais como sendo a mais importante para o desenvolvimento dos seus filhos foi a pintura. Logo de seguida temos o desenho, a modelação, a aprendizagem de canções e a exploração dos movimentos do corpo.

Gráfico 6 – Respostas à questão 6.



No que respeita à *Questão 6 - Acha importante os pais participarem nas atividades do Jardim de Infância?* - a totalidade das respondentes respondeu afirmativamente.

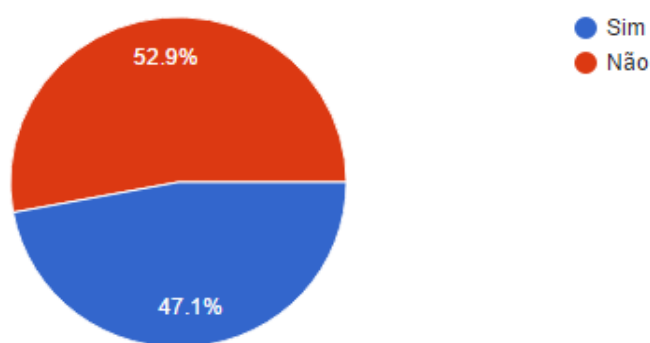
Ao justificarem a resposta anterior (questão *Porquê?*) as respostas distribuíram-se por três categorias – *Importância do envolvimento dos pais na escola, Importância da partilha, Contributo para o desenvolvimento da criança*. Consideramos que é bastante expressivo o conjunto de respostas que mostram a importância do envolvimento dos mesmos na escola.

Quadro 34 – Análise das respostas à questão 6.1.

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	TOTAL
Importância do envolvimento dos pais na escola	"...os pais devem estar envolvidos nas aprendizagens" Q2 "...é uma forma de desenvolver atividades com os filhos diferentes das do dia a dia" Q3 "...os miúdos ficam muito contentes..." Q5 "Aproximar a escola à casa, à família" Q6 "...estarmos mais dentro do dia a dia dos nossos filhos, da maneira como são ensinados..." Q7 "Para que os filhos se sintam felizes e acompanhados com o apoio dos pais nas suas vidas escolares..." Q8 "Porque é muito importante para os nossos filhos, ficam muito felizes de nos verem lá a participar" Q9 "Porque é muito importante para as crianças e para os pais trabalharem juntos" Q10 "...estreitam relações entre estas duas instituições: família e escola. ...desenvolvem-se laços de afetividade com todas as crianças e com os próprios filhos..." Q12 "Os pais devem participar na educação dos filhos" Q13 "...feedback entre a escola e a família. Os pais percebem que no JI as criança aprendem coisas úteis e também tomam consciência do quão é importante a interação família/escola" Q14 "Pela interação escola/casa que deve haver e porque motiva	14

	a própria criança para a aprendizagem”Q15 “É muito importante...ajudam a que a relação família/escola seja mais próxima” Q16 “...é importante como forma de interação positiva, entre casa/escola...é importante para cada criança , que sente que a sua família se interessa pela sua escola e está envolvida com o que se passa no seu dia a dia...”Q17	
Importância da partilha	“...uma partilha de experiências, importante para a evolução das crianças” Q6 “...tirarmos algumas ideias para nos ajudar na educação deles em casa” Q7 “Os pais podem ser agentes promotores de aprendizagem através da transmissão dos conhecimentos e vivências pessoais” Q12 “Pela troca de conhecimentos e experiências” Q15 “...dando também o seu contributo e enriquecimento todas as crianças numa diversidade de experiências e realidades”Q17	5
Contributo para o desenvolvimento da criança	“...sentem-se com maior conforto, mais seguros. Achando interesse ao que se está a passar no momento e com vontade de participar nas atividades” Q4 “...contribuir para um melhor desenvolvimento no crescimento dos filhos” Q8 “Ajuda-o a desenvolver-se e a interagir com outras crianças” Q11 “Também por questões de autoestima da criança ao ver a sua família envolvida”Q15	4

Gráfico 7 – Respostas à questão 7



No que respeita à *Questão 7 - Participou na dinamização de alguma atividade na sala de Jardim de Infância?* - Podemos verificar que, embora na resposta Questão 6 todos os pais tivessem respondido que achavam importante a sua participação nas atividades do jardim de infância, apenas 47,1% dos pais participaram na dinamização de algumas atividades. Em conversas com a educadora alguns pais explicaram a impossibilidade de conciliar o seu horário de trabalho com o da escola.

Pedimos ainda que respondessem a uma última questão - *Deixe-nos a sua opinião sobre a sua participação* – e as respostas distribuíram-se por quatro categorias: *Envolvimento emocional, Satisfação pessoal, Participação numa experiência diferente, Participação numa experiência de ensino e aprendizagem.*

Quadro 35 – Análise das respostas à questão 8

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	TOTAL
Envolvimento emocional	<p>“...adorei pela oportunidade que me deram para ajudar num trabalho com as crianças...”Q5</p> <p>“...ver como elas se entusiasmam a fazer algumas atividades e ficam felizes por nos ter lá”Q9</p> <p>“...senti-me satisfeita por poder dar o meu contributo presencial” Q12</p> <p>“...ter ido à sala foi importante para a minha filha...gostou de ver a mãe a ensinar uma canção aos amiguinhos...ela se sentiu importante por ter a mãe na sala”Q14</p>	4
Satisfação pessoal	<p>“...agradeço pelo momento e vim de coração cheio.”Q5</p> <p>“Gostei muito e gosto de participar em qualquer tipo de atividades artísticas”Q8</p> <p>“...ser divertido estar em contacto com as crianças...”Q9</p> <p>“”Foram vividos momentos interessantes de aprendizagem e também lúdicos”Q12</p> <p>“...foi muito produtivo para mim”Q14</p> <p>“Considerei a minha participação muito positiva, não só para o grupo de crianças, como para a minha filha que estava muito entusiasmada e ansiosa que o dia chegasse”Q17</p>	6
Participação numa experiência diferente	<p>“...os sorrisos quando qualquer um deles vê um dos pais de qualquer criança uma cara de satisfação é muito gratificante”Q5</p> <p>“...acaba por ser um momento diferente.”Q9</p> <p>“...porque era mãe de uma colega da sala, suscitava no grupo de crianças uma crescente curiosidade e motivação, estavam recetivos e aguardar a surpresa”Q17</p>	3
Participação numa experiência de ensino e aprendizagem	<p>“...ensinamos mas também aprendemos muito com eles.”Q5</p> <p>“...faz muito bem aprender várias coisas”Q8</p> <p>“As relações de afetividade entre todos foram desenvolvidas” Q12</p> <p>“...esta experiência levou-me a perceber de que não é fácil ensinar os mais pequenos pois são ativos, participativos e não pode ser uma atividade muito comprida”Q14</p> <p>“...foi muito importante para a minha filha que se sentiu protagonista e se envolveu comigo em casa na preparação da atividade e dando ideias e sugestões para a atividade...demonstrando felicidade e orgulho”Q17</p>	5

O número de registos é equiparado em todas as categorias que identificámos, no entanto, podemos fazer a leitura de que este projeto trouxe satisfação pessoal às respondentes, pois valorizaram as experiências que tiveram em conjunto com os seus filhos. Logo de seguida, também é referida a importância da sua participação numa experiência de ensino e aprendizagem e o envolvimento emocional para os próprios e para os filhos.

4.4. A AVALIAÇÃO DO PROJETO NA PERSPETIVA DOS MEMBROS DA COMUNIDADE

Quer ao longo do projeto, quer após a conclusão do mesmo, fomos também recolhendo dados que nos permitem fazer uma síntese sobre a forma como os membros da comunidade viram o projeto «Nós, a família, a comunidade e as Artes».

Apesar de estes dados não terem sido recolhidos de forma sistemática, foi possível recolher através de conversas informais, as opiniões de vários membros da comunidade sobre o projeto. Assim, colegas e funcionárias da escola fizeram referências positivas ao mesmo, como demonstram alguns excertos do nosso diário de bordo – “Uma das auxiliares do SAF viu o placard, que tinha um trabalho realizado sobre a aula de movimento do corpo e chamou a outra auxiliar para vir ver. Trocaram algumas palavras, elogiando o trabalho e comentando que gostavam do que estavam a ver.”; “Que trabalho tão giro sobre o Kandinsky, adoro a tua sala”.

Uma das auxiliares do Serviço de Apoio à Família (SAF) demonstrou interesse em participar no projeto, inclusivamente deslocando-se à escola num dos seus dias de férias (dinamizou a sessão n.º 12).

Respondendo a um convite da Junta de Freguesia, foi realizada numa sala da mesma uma exposição com os trabalhos realizados durante o projeto. A Presidente da Junta transmitiu-nos a sua opinião e entusiasmo, referindo que deveriam existir mais atividades que envolvessem os pais e as crianças em tarefas de criação em conjunto. Salientou também a importância de os «produtos» desse trabalho saírem do espaço escolar para outros espaços na comunidade.

O que foi observado por nós neste projeto vai ao encontro do que é referido nas OCEPE e também por alguns autores, tais como Silva (2016), Santos (2001), Homem (2002) e Feio (2012). Tal como vimos no enquadramento teórico, é muito importante o envolvimento parental na escola pois traz benefícios à aprendizagem dos alunos. Envolver os pais mais afastados da cultura escolar e construir uma cultura participativa

requer que a escola desencadeie formas de diálogo e de relação entre todos. Com o nosso projeto, cremos ter conseguido algo neste sentido, pois as relações entre os diferentes intervenientes foram intensificadas e aprofundadas.

Confirmamos também que foram criadas novas interações criativas com os vários elementos da comunidade. Salientamos como exemplos, a confeção dos fatos de carnaval, a conceção e implementação de atividades, a montagem da exposição na Junta de Freguesia e todas as solicitações que surgiram das ideias das crianças. Neste processo foi visível as relações de afeto que se desenvolveram ao trabalharmos em conjunto e ajudando a dar forma às ideias das crianças. Foi visível também o reconhecimento da importância da participação da comunidade na educação das crianças. Todo este envolvimento também trouxe benefícios às práticas da própria educadora, pois também viu que o seu trabalho e esforço foi apreciado no seio da comunidade.

Podemos afirmar que também surgiu algum movimento na vida cultural e social desta comunidade uma vez que foram muitas as pessoas que se deslocaram ao edifício da Junta só para ver a exposição. De algum modo, também o conhecimento sobre artistas e obras se disseminou, pois as crianças partilhavam as suas vivências com aqueles que lhes são próximos, conforme demonstra o seguinte testemunho de uma mãe: “Gosta de conhecer senhores que pintavam quadros muito bonitos e saber coisas sobre eles. “Van Gogh já morreu, mas pintou alguns quadros. Ele era da Holanda” - ”Diz muitas vezes” Q12.

CONCLUSÕES

Chegando a este ponto do trabalho, importa refletir sobre todo o processo e verificar o que se alcançou face aos objetivos estabelecidos inicialmente e de que forma se responde à questão de investigação que orientou o estudo realizado.

Iremos assim referir-nos ao cumprimento dos quatro objetivos específicos, sendo o primeiro *planificar e implementar experiências com as linguagens artísticas que envolvam as crianças, as famílias e elementos da comunidade*. Este objetivo foi naturalmente cumprido pois, conforme foi apresentado ao longo do trabalho, durante este projeto conseguimos planificar e implementar experiências com as linguagens artísticas que envolveram as crianças, as famílias e elementos da comunidade.

Quanto ao segundo objetivo específico *caraterizar a participação e o envolvimento das crianças e dos membros da família e da comunidade nas atividades*, foi feita a caracterização da participação, assim como, do envolvimento das crianças, dos membros da família e da comunidade nas atividades.

No que respeita ao terceiro objetivo *avaliar os efeitos das experiências vivenciadas na melhoria da relação entre a escola, a família e a comunidade*, apresentamos algumas perceções que construímos após a realização do projeto «Nós, a família, a comunidade e as Artes». Focando um momento específico do projeto, houve uma grande participação por parte das famílias nos ateliês do carnaval. Também verificámos que houve na comunidade vários comentários positivos pelo motivo de os fatos terem sido feitos pela própria comunidade e não terem sido comprados. Sentimos de várias formas que a comunidade gostou do resultado final. Fizemos desfile de carnaval pelas ruas da terra e todos puderam ver o trabalho realizado pela escola, famílias e comunidade. A exposição feita na Junta de Freguesia com os trabalhos realizados pelas crianças e suas famílias também teve muito sucesso, várias pessoas deslocaram-se à Junta para poder ver os trabalhos e houve vários comentários positivos. Por sua vez, a Presidente de Junta referiu que gostou bastante desta ideia e que a terra precisava de mais atividades deste género. Pelas evidências que apresentámos, houve o reconhecimento de que, sendo parceiros, a escola, a família e a comunidade podem unir esforços, colaborar e partilhar objetivos em prol da educação das crianças. As experiências vivenciadas constituíram-

se como momentos de colaboração e de relações muito genuínas e positivas, onde todos tomaram parte do processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, referimo-nos ao último objetivo específico *verificar o impacto que a aproximação da família e da comunidade teve nas aprendizagens e desenvolvimento das crianças*, que julgamos nós ser o que nos merece maior reflexão. Com a implementação deste projeto foi possível observar que as crianças gostaram de trabalhar com vários materiais que não conheciam nem nunca tinham experimentado, que trabalhavam com prazer, que aprenderam várias técnicas, que se tornaram mais imaginativas e criativamente mais autónomas, ficaram mais ricas a nível da sua cultura geral. Este projeto também as ajudou a despertar para outras áreas que até então estavam estagnadas, pois não estavam habituadas a pensar e a ver as diferentes expressões artísticas como uma forma de arte. Recordando uma nossa reflexão a respeito de um outro projeto realizado noutra contexto, constatámos que as crianças “vivenciaram experiências e conhecimentos importantes para o seu crescimento e desenvolvimento, experiências que contribuiriam para a sua formação enquanto pessoas mais críticas, interventivas, reflexivas e como seres que pensam e atuam.” (Machado, 2016 p.107)

Faziam parte do grupo crianças de idades heteróneas, sendo que sete tinham três anos e, como tal, foi o seu primeiro ano de jardim de infância, onde tiveram que interiorizar regras e aprender a viver em grupo. Para além deste fator tínhamos no grupo algumas crianças um pouco desestabilizadoras e pudémos verificar que começaram a funcionar melhor como grupo.

O grupo continuou com as rotinas da sala mesmo tendo a presença de pais, familiares e/ou outras pessoas da comunidade. Foi uma vivência muito rica para todos, a partilha que houve e a interação que se conseguiu fazer com as famílias e com a comunidade.

A nossa sala foi escolhida para ser visitada por um grupo de inspetores, que observaram os nossos trabalhos, fizeram perguntas à educadora e aos alunos, viram os dossiês dos alunos, assim como o dossiê da educadora que contém os registos e documentos formais sobre o trabalho do grupo. No final desta observação e análise, compararam o trabalho realizado nas duas salas de jardim de infância. E, por terem constatado que o grupo da sala ao lado era um grupo problemático e por reconhecerem que as experiências com as

artes seriam uma forma eficaz de atenuar essa mesma situação, referiram que o trabalho que estava a ser desenvolvido na nossa sala de aula também deveria ser desenvolvido na outra sala.

Fazendo uma síntese das principais ideias e procurando responder à questão de investigação *Em que medida a vivência de experiências com as linguagens artísticas pode facilitar a relação entre a escola, a família e a comunidade?* queremos salientar que, de acordo com a investigação realizada, as linguagens artísticas são facilitadoras e fomentadoras de relações entre a escola, a família e a comunidade. Nos questionários respondidos pelos pais, assim como nos registos diários da investigadora encontramos comentários que evidenciam esta constatação a vários níveis tais como, “(...) em casa gosta de fazer as atividades propostas para levar para a escola”Q9, “(...) é uma forma de desenvolver atividades com os filhos diferentes das do dia a dia”Q3; “(...) estreitam relações entre duas instituições: família e escola (...) desenvolvem-se laços de afetividade com todas as crianças e com os próprios filhos”Q12; “(...) é importante como forma de interação positiva, entre casa/escola (...) é importante para cada criança que sente que a sua família se interessa pela sua escola e está envolvida com o que se passa no seu dia a dia”Q17. Julgámos que neste momento do trabalho, as palavras dos pais seriam a melhor forma de sintetizar esta resposta.

Sendo o projeto do Agrupamento de Escolas sobre os «Afetos», o nosso projeto com enfoque nas linguagens artísticas conseguiu inserir-se muito bem nesta temática visto que a experiência artística é baseada no sentir e no pensar, desenvolvendo a sensibilidade. Por sua vez, a família também esteve envolvida, assim como a comunidade mais alargada, ajudando de uma forma criativa a estabelecer laços de afeto.

Reconhecemos também que o estudo investigativo tem algumas limitações que emergem quer do seu carácter descritivo, quer da inexperiência da investigadora. A este respeito, há a referir algumas dificuldades que surgiram na observação e registo de dados, pois a realidade era muito rica em aspetos a assinalar e era necessário muitas vezes delimitar o objeto da observação. Simultaneamente, consideramos que as crianças têm de ser sempre o nosso primeiro foco. Numa sala com vinte crianças temos que ter uma série de fatores em atenção e não podemos “desligar” para fazer os nossos registos, pois nestas idades elas necessitam de muita atenção e de estarem ocupadas, sempre com supervisão do adulto. Estes motivos contribuíram para que nem sempre conseguisse

fazer todos os registos, apesar de reconhecer que também eram evidências importantes para a descrição do projeto. O que sentimos é que, por vezes, nem sempre se fotografou tudo o que deveríamos ter fotografado ou que em algumas atividades em que não se registou logo os comentários das crianças, perdeu-se alguma informação. Em futuros estudos de investigação que venhamos a desenvolver, teremos de fazer a recolha de dados de uma forma mais sistemática, de modo a articular melhor o papel de educadora e o de investigadora.

Temos ainda a referir que, por ter sido um projeto e um estudo realizados circunstancialmente, num contexto com características próprias, os resultados não poderão ser objeto de generalização. Contudo, achamos que os resultados que apresentámos poderão dar pistas a outros educadores sobre formas de estabelecer uma relação entre a escola, a família e a comunidade, vendo nas experiências com linguagens artísticas um espaço onde se pode criar interação, diálogo, partilha e participação na educação e desenvolvimento das crianças.

Como podemos observar nem todos os pais conseguiram aderir e vir à nossa sala, um dos constrangimentos são os horários que muitas vezes não são compatíveis com os dos pais para estes terem disponibilidade e poderem participar. Houve pais que puseram um dia de férias, outros conseguiram trocar horários, mas houve quem não conseguisse mesmo participar, apesar de reconhecerem o interesse do projeto e das suas vantagens para a educação dos seus filhos.

Atualmente, estando já a uma distância temporal considerável em relação ao tempo em que decorreu o projeto e estando a trabalhar num outro contexto profissional, temos contactado com pais, avós e outros familiares que participaram ou que acompanharam o projeto e que têm demonstrado a sua tristeza por não ter havido a continuidade do nosso trabalho. Julgamos assim que estas demonstrações revelam a relação genuína e positiva que se criou.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Célia (2001). “Concepções e Práticas Artísticas na escola”, *In*, Ferreira, Sueli (2001) (Org.). *O Ensino das Artes: Construindo Caminhos*. Campinas: Papirus.
- Bento, A. (2012). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade? *Revista JÁ* (Associação Académica da Universidade da Madeira), nº 64, ano VII (pg. 40-43). ISSN: 1647-8975.
- Bogdan, Robert; Biklen, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Cardona, Maria João (1997). *Para a História da Educação de Infância em Portugal. O discurso oficial (1834-1990)*. Porto: Porto Editora.
- Carmo, Hermano; Ferreira, Manuela (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta
- Davies, Don; Marques, Ramiro; Silva, Pedro (1997). *Os professores e as famílias – a colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Feio, Ana Barata (2012). Trilhos da Educação Expressiva – Educação Expressiva em sala de aula- fundamentos e práticas. *In* Ferraz, Marcelli e Dalmann, Everton (Org.) *Metodologias Expressivas na Comunidade*. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial.
- Ferraz, Marcelli e Dalmann, Everton (2012) (Org.), *Metodologias Expressivas na Comunidade*. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial.
- Guerra, Isabel Carvalho (2002). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção*. Cascais: Editora Principia.
- Homem, Maria Luísa (2002). *O Jardim de Infância e a Família. As fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Kowalski, Isabel (2004). O desafio de educar sensibilidades. *In* Bárrios, Amália; Ribeiro, José (coord.). *Criatividade, Afectividade, Modernidade – construindo hoje a escola do futuro*. Lisboa: CIED – Escola Superior de Educação.
- Machado, Joana (2016). A importância das artes no jardim de infância. *In* Lopes, M.S.P., Barreira, Catarina.(orgs.) *1º Caderno de Intervenção Cultural e Educação Artística: Experiências em Animação Artes e Educação*. Leiria: ESECS/IPL.
- Marques, Ramiro (1997). Envolvimento dos pais e sucesso educativo para todos: o que se passa em Portugal e nos Estados Unidos da América. *In* Davies, Don; Marques, Ramiro e Silva, Pedro (Org) *Os professores e as famílias. A colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: ME/DEB
- Nunes, Tomaz Pedro Barbosa Silva (2004). *Colaboração escola-família, para uma escola culturalmente heterógena*. Porto: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Pereira, José; Marcelino Lopes (2011) (Org). *As Fronteiras da Animação Sociocultural*. Chaves: Intervenção.
- Pereira, José; Manuel Vieites; Marcelino Lopes (2008). *A Animação Sociocultural e os Desafios do Século XXI*. Chaves: Intervenção.
- Pereira, José; Manuel Vieites; Marcelino Lopes (2014). *As Artes na Educação*. Chaves: Intervenção.
- Quivy, Raymond; Campenhoudt (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Santos, Arquimedes da silva (2001). *Da família à escola*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, João (2009). *É através da via emocional que a criança apreende o mundo exterior*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Silva, Pedro (1994). Relação Escola- Família em Portugal: 1974 – 1994, duas décadas, um balanço. *In Inovação*. Vol. 7, nº3, pp. 307 – 355. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Silva, Pedro (1997). A acção educativa - um caso particular: o dos pais difíceis de envolver no processo educativo escolar dos seus filhos. In Davies, Don; Marques, Ramiro e Silva, Pedro (Org.) *Os professores e as famílias. A colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, Pedro (2009). Crianças e comunidades como actores sociais: Uma reflexão sociológica no âmbito da interacção entre escolas e famílias. In, Sarmiento, Teresa (2009) (Org). *Infância, Família e Comunidade. As crianças como actores sociais*. Porto: Porto Editora.
- Silva, I.L., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação / Direção Geral da Educação.
- Sousa, Alberto B. (1979a). *A dança educativa na escola*. Lisboa: Básica Editora.
- Sousa, Alberto B. (1979b). *A educação pelo movimento expressivo*. Lisboa: Básica Editora.
- Sousa, Alberto B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação: Drama e Dança*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Trilla, Jaume (2004) (Coord.). *Animação Sociocultural*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vygotsky, Lev (2009). *A imaginação e a Arte na infância*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Webgrafia

<http://apei.pt/educacao-infancia/breve-historia/>

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO

Este questionário tem por objetivo recolher informação sobre a perceção que os pais têm acerca da importância da educação artística na formação dos seus educandos. A informação recolhida destina-se a um estudo de investigação a realizar no âmbito do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria.

A sua colaboração é indispensável para a realização deste trabalho.

Muito obrigada,

Joana Machado

Será preservado o caráter anónimo dos inquiridos.

Grupo I - Caracterização do Inquirido

1. Sexo: Masculino Feminino

2. Habilitações Literárias:

4º Ano
6º Ano
9º Ano
Secundário
Bacharelato
Licenciatura
Outra

Grupo II – Educação Artística

3. Acha importante que o seu filho realize atividades com as artes?

Sim

Não

Porquê?

4. Na sua opinião, ao longo deste ano, qual foi a atividade artística que o seu filho gostou mais de realizar? (dê um exemplo ou dois)

Porquê?

5. Das seguintes atividades realizadas, em contexto de sala de aula, qual ou quais acha mais importante (s) para as aprendizagens e desenvolvimento do seu filho?

Desenhar	<input type="checkbox"/>
Pintar	<input type="checkbox"/>
Modelar	<input type="checkbox"/>
Recortar/picotar	<input type="checkbox"/>
Conhecer artistas plásticos	<input type="checkbox"/>
Aprender canções	<input type="checkbox"/>
Conhecer instrumentos musicais	<input type="checkbox"/>
Experimentar instrumentos musicais	<input type="checkbox"/>
Construir instrumentos musicais com cartão	<input type="checkbox"/>
Aprender coreografias	<input type="checkbox"/>
Explorar os movimentos do corpo	<input type="checkbox"/>
Participar em dramatizações	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>

Porquê?

6. Acha importante os pais participarem nas atividades do Jardim de Infância?

Sim

Não

Porquê?

Grupo III – Participação

7. Participou na dinamização de alguma atividade na sala do Jardim de Infância?

Sim

Não

Se respondeu «sim», qual foi a atividade em que participou?

8. Deixe-nos a sua opinião sobre a sua participação

1. Muito obrigada pela sua colaboração!

ANEXO 2

Lourinhã, 25 de novembro de 2015

Exmo. Sr. Diretor do Agrupamento de Escolas da Lourinhã

Professor Bruno Santos

Venho por este meio requerer permissão para a realização de um trabalho de investigação, no âmbito do Mestrado de Intervenção e Animação Artísticas, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria.

Como professora do Agrupamento de Escolas da Lourinhã, considero que será uma mais valia desenvolver a investigação na instituição onde leciono, nomeadamente no Jardim de Infância de XXXXXXXX.

De acordo com o desenho que está a ser delineado no que respeita ao meu Projeto de Intervenção, apresento a temática que será objeto de estudo – A importância das Expressões Artísticas no envolvimento das famílias e da comunidade na escola. O tema do meu projeto é “Artes, escola e comunidade”.

Com este meu projeto pretendo os seguintes objetivos:

- Desenvolver atividades artísticas com as crianças;
- Desenvolver atividades artísticas com as crianças e com os pais;
- Desenvolver atividades artísticas com a restante comunidade;
- Promover atividades artísticas tendo a comunidade como um recurso pedagógico

A operacionalização deste projeto de intervenção, será desenvolvida tendo como agentes os alunos da sala 1 do Jardim de Infância de XXXXXXXX.

Serão tidos em conta todos os procedimentos legais prévios, nomeadamente, os pedidos de autorização junto dos encarregados de educação dos alunos, assim como todos os cuidados a nível da proteção de dados.

Atenciosamente,

Joana Machado

ANEXO 3

Joana dos Santos Silva Machado, professora do Quadro de Zona Pedagógica, grupo 100, a exercer funções no jardim de infância de XXXXXXXX, a frequentar o Curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, e a desenvolver um trabalho de investigação sobre o envolvimento das famílias e comunidade na escola com recurso às expressões artísticas/linguagens artísticas, orientado pela Professora Doutora Lúcia Magueta, solicita a autorização dos encarregados de educação para a recolha de dados através de entrevistas, inquéritos, registos de observação e análise da produção de trabalhos, a realizar entre os meses de janeiro a junho de 2016.

Nome do aluno	Assinatura Encarregado de Educação
Aluno A	
Aluno B	
Aluno C	
Aluno D	
Aluno F	
Aluno G	
Aluno H	
Aluno I	
Aluno J	
Aluno L	
Aluno N	
Aluno O	
Aluno P	
Aluno Q	
Aluno R	
Aluno S	
Aluno T	
Aluno U	
Aluno V	
Aluno X	